



Universidade de Brasília

Ministério da Educação
Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares
Centro de Formação Continuada de Professores
Secretaria de Educação do Distrito Federal
Escola de Aperfeiçoamento de Profissionais da Educação
Curso de Especialização em Gestão Escolar

A ATUAÇÃO DO GESTOR E O COMBATE ÀS VIOLÊNCIAS

Ivanice Tavares De Souza

Professor-orientador Dr Erisevelton Silva Lima
Professora monitora-orientadora Mestre Abigail do Carmo Levino de Oliveira

Brasília (DF), julho de 2014

Ivanice Tavares de Souza

A ATUAÇÃO DO GESTOR E O COMBATE À VIOLÊNCIA

Monografia apresentada para a banca examinadora do Curso de Especialização em Gestão Escolar como exigência parcial para a obtenção do grau de Especialista em Gestão Escolar sob a orientação da Professora tutora-orientadora-Mestre Abigail do Carmo Levino de Oliveira do Professor-orientador- Dr. Erisevelton Silva Lima.

TERMO DE APROVAÇÃO

Ivanice Tavares de Souza

A ATUAÇÃO DO GESTOR E O COMBATE À VIOLÊNCIA

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Gestão Escolar pela seguinte banca examinadora:

Mestre Abigail do Carmo Levino de Oliveira SEEDF/UnB (Tutora-Orientadora)	Dr. Erisevelton Silva Lima (UnB) (Professor-orientador)
---------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------

Profa. Mestre Sileda Maria Holanda de Sousa Almeida
(Examinadora externa)

Brasília, 26 de julho de 2014

Dedico este trabalho a meus pais, exemplo de perseverança e maturidade, que com o passar dos anos não se endureceram, mas adquiriram a virtude da mudança à medida que o tempo passa.

AGRADECIMENTOS

Sobretudo a Deus, por me guiar e me dar força em todos os momentos deste trabalho.

Ao professor Erisevelton Silva Lima e à professora Abigail do Carmo Levino de Oliveira pelo apoio, atenção e dedicação durante o processo de orientação.

Aos meus alunos e colegas de trabalho pela colaboração e participação nas pesquisas de campo.

“O principal objetivo da Educação é criar pessoas capazes de fazer coisas novas e não simplesmente repetir o que as outras gerações fizeram.” (Jean Piaget)

RESUMO

As transformações que vêm ocorrendo no cenário educacional brasileiro impulsionaram mudanças em favor da construção e fortalecimento da democracia. As escolas ganharam certa autonomia mediante a participação das comunidades, a transferência de recursos financeiros, a possibilidade de eleição para diretores, entre outros. Entretanto, a violência escolar tem sido um dos grandes desafios para equipes gestoras, já que esse é um problema que tem se intensificado nos espaços escolares e, muitas vezes, extrapola a competência dos gestores. A partir da observação da sistemática e da aplicação de um questionário, em uma escola da rede pública de ensino do Distrito Federal, denominada Centro de Ensino Fundamental Grandes Pensadores, discute-se o contexto de violência e o olhar do corpo discente, corpo docente e da equipe gestora frente a esse problema. O objetivo da pesquisa foi “Analisar como a violência no ambiente escolar interfere no processo ensino – aprendizagem, impactando o estilo pedagógico-administrativo do gestor”. Os instrumentos utilizados foram questionários aplicados aos alunos, professores, coordenador disciplinar e gestor e a observação do ambiente escolar feita pela pesquisadora. Os dados mostram um número significativo de casos de agressão verbal e física entre alunos, depredação de patrimônio, entre outros casos de insubordinação. Além disso, os gestores acreditam que a violência interfere em sua prática e alegam, também, uma sobrecarga de trabalho devido aos comportamentos de indisciplina e de violência entre alunos.

Palavras-chave: Gestão escolar; Violência, Ensino/aprendizagem

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO I – REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
1.1 –Conceito de Violência.....	15
1.2 –As causas da Violência Escolar.....	18
1.3 –A Violência e o Gestor Escolar.....	23
1.4 –As implicações da Violência Escolar na atuação do Gestor e nas práticas dos professores.....	27
 CAPÍTULO II – METODOLOGIA DE PESQUISA.....	 31
2.1 - CENÁRIO DA PESQUISA.....	31
2.2 - PARTICIPANTES DO ESTUDO.....	32
2.3 - PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	32
 CAPÍTULO III – ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	 33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
 REFERÊNCIAS.....	 52
APÊNDICE 1.....	55
APÊNDICE 2.....	56
APÊNDICE 3.....	57
APÊNDICE 4.....	59
APÊNDICE 5.....	62

INTRODUÇÃO

A educação brasileira, ao longo dos anos tem sofrido as consequências de um conjunto de transformações culturais que mudou o modo de pensar e de agir do nosso aluno. Concordando com as ideias de Tardiff (2002), podemos dizer que nesse cenário histórico, os professores, por serem “sujeitos existenciais, pessoas com suas emoções, suas linguagens e seus relacionamentos”, quando entram em sala de aula para dar a “mesma” lição diante dos “mesmos” alunos, vivenciam no dia a dia da escola, todas essas mudanças e diferenças históricas (TARDIFF, 2002). Diante dessa problemática, o corpo docente das escolas, sobretudo da escola pública, está passando por momentos de angústia e dúvida sobre o modo de conduzir suas aulas.

Baseado nessa mudança de comportamento do aluno, na necessidade de mudar o olhar do professor para essa situação e no papel que o gestor escolar pode desempenhar como mediador nesses conflitos é que essa pesquisa foi idealizada.

Este trabalho tem como tema norteador “*O gestor escolar e seu compromisso com a aprendizagem de todos na escola*” e como título “*A atuação do gestor e o combate à violência escolar*”.

A pesquisa foi realizada em uma escola pública da periferia de Samambaia, Distrito Federal, que oferece o Ensino Fundamental, séries finais do 6º ao 9º ano, com 15 turmas no período matutino e as outras 15 no vespertino. Conta-se também com o apoio pedagógico de três coordenadoras no ensino regular e uma na educação integral.

O tema violência escolar está presente no dia a dia da escola. Não temos hoje os mesmos alunos que tínhamos há alguns anos. Esse é um tema que tem gerado muitas queixas e angústias entre os profissionais da educação. Podemos dizer, sem sombra de dúvidas, que a violência, nas suas várias formas, tornou-se uma das principais questões que a escola enfrenta no seu cotidiano. Um problema que desestabiliza todo o ambiente escolar.

Nesta angústia, tenta-se achar os culpados, o qual os professores transferem toda responsabilidade para as famílias, que tem se omitido e transferido toda a responsabilidade de educar para a escola, com isso, não tem dado limites para os seus filhos.

Na tentativa de buscar respostas para a questão acima é que este trabalho se faz necessário, fruto de uma inquietação, proveniente da observação, da aflição dos profissionais da educação, é que se busca entender: O que o gestor escolar pode fazer diante das situações de violência dos alunos de hoje e da escola de ontem, no contexto pedagógico atual? Será

possível retornar ao cenário de escola disciplinada e pacífica do passado ou teremos que nos adaptar a essa situação?

Parte-se do princípio que o mundo tem sofrido grandes transformações, principalmente com o advento da tecnologia, possibilitando um mundo globalizado, onde somos bombardeados por informações o tempo todo, que tem gerado mudanças sociais e comportamentais. Com isso, a sociedade já não é mais a mesma, as atitudes e comportamentos dos indivíduos já não são os mesmos.

A escola que antes era vista como uma instituição de ensino rígida e autoritária, e os educadores acostumados a não serem “desrespeitados” e questionados nas suas regras e normas, cabendo aos alunos apenas obedecerem sem muitas argumentações e/ou reflexões, já não concebem mais este modelo, ou seja, tudo mudou. E, por acreditar que a escola é um espaço político, social e democrático, que tem a função social de ofertar uma educação formal de qualidade e transmitir valores morais, capaz de formar um cidadão consciente, crítico e reflexivo, é que esta pesquisa ganha importância.

O presente estudo tem como problema de pesquisa o seguinte questionamento: *De que forma a violência escolar interfere na instituição de ensino refletindo na aprendizagem do aluno e impactando o estilo pedagógico-administrativo do gestor?*

Elaborou-se como objetivo geral para esse estudo: *Analisar como a violência no ambiente escolar interfere no processo ensino – aprendizagem, impactando o estilo pedagógico-administrativo do gestor do Centro de Ensino Fundamental Grandes Pensadores.* Como objetivos específicos pretendeu-se:

- Conceituar violência escolar.
- Investigar as causas da violência escolar.
- Analisar as implicações da violência escolar na atuação do gestor e nas práticas dos professores da instituição pesquisada.

A referida pesquisa foi realizada com os 70 alunos das turmas de 8º ano (“A” e “B”) do ensino fundamental, pelo fato de serem turmas que apresentam uma maior quantidade de ocorrências junto à coordenação disciplinar da escola. Também fizeram parte da pesquisa, os 10 professores que trabalham com essas turmas.

A violência é para nós, em princípio, uma questão que não deve ser afastada. É vital perguntarmos: o que é que se está dizendo com isso? Que discurso da recusa não encontra outra maneira de ser dito? O que fazer desta força que com frequência destrói? A violência

não é estranha ao desejo. Em vez de deixa-la nas margens, ou de nos desviarmos dela confusamente, convém trata-la.

A presente pesquisa pretendeu abordar o cotidiano dos professores e dos jovens nos estabelecimentos onde eles atuam e frequentam as aulas.

Durante essa pesquisa buscou-se informar como professores, educadores em contato diariamente com todas as formas de violência, tentam enfrentar, como resistem a estas forças de morte. Palavras autorizadas não por um saber universitário sobre a questão, que se satisfaria com a elegância de seu ponto de vista sobre o conjunto da situação ou com a pertinência de suas análises, mas palavras que se sustentam com as práticas sempre em questão, com as hesitações e os esforços de teorização.

Contexto escolar

Ao resgatar a história do *Centro de Ensino Fundamental Grandes Pensadores*, buscamos analisar os fatos e dados na busca incessante de novos horizontes. A escola localiza-se na periferia da Região Administrativa de Samambaia.

Tendo o seu projeto e sua construção feitos para atender uma clientela do Ensino Fundamental anos iniciais, suas atividades pedagógicas iniciaram atendendo os anos finais da comunidade daquela área, mesmo sabendo que a estrutura física da escola não seria compatível para o funcionamento de um CEF. As salas de aula têm a metragem inferior à recomendada e por isso torna-se difícil ter em sala a média de 40 alunos prevista. Outra dificuldade é o desempenho de atividades esportivas. O espaço destinado às aulas práticas de Educação Física é muito pequeno e improvisado, este espaço foi reaproveitado de um tanque de areia, destinado à recreação dos alunos.

Desde sua criação a escola tem 15 salas de aula permanentes e atualmente possui diretoria, secretaria, coordenação, sala de professores, sala de TV/ Vídeo, biblioteca, sala de informática, sala da Educação Integral, cozinha, cantina, depósito de alimentos, sanitários adequados.

Assim, apesar de possuir uma estrutura de Escola Classe, no ano de 1997 iniciaram-se as atividades pedagógicas do *Centro de Ensino Grandes Pensadores* com 15 turmas atendendo alunos de 5^a a 8^a séries.

A escola foi entregue antes de a obra ser concluída. O 3^o pavilhão estava em fase de acabamento, faltando portas e vidros, não tinha muros, não tinha segurança, gerando assim muitas dificuldades para a comunidade, tanto no âmbito interno como externo, pois se localiza

em uma região com alto índice de violência devido à falta de estrutura social. Passou por uma invasão em 1999, ao lado da escola, causando grandes transtornos a funcionários, alunos e pais.

Devido às condições socioeconômicas da comunidade atendida por este CEF, a escola sofria com problemas que iam de violência dentro e fora da escola, furtos, brigas entre alunos, desrespeito aos professores e corpo administrativo, gravidez precoce a grande desinteresse dos alunos, muitas vezes causados pela falta de apoio familiar.

Essas condições persistem até hoje, pois a infraestrutura desta UPE continua a mesma e é inadequada para alcançarmos os objetivos didático-pedagógicos propostos para séries finais do Ensino Fundamental.

No ano de 2013, este CEF completou 16 anos de atendimento à comunidade, ressaltando o fato de que a mesma sequer foi inaugurada formalmente. Durante todos estes anos de funcionamento a escola vem procurando construir a sua identidade de acordo com a comunidade em que está inserida, desenvolvendo projetos que atendam aos anseios de nossos adolescentes e educadores.

DIAGNÓSTICO DA SITUAÇÃO PRESENTE

Percebe-se a importância de se ter uma escola capaz de intervir na realidade do educando, procurando diminuir a evasão escolar, a infrequência e a falta de motivação para os estudos. Isso somente será possível através de um planejamento que represente uma mediação para essa mudança, pois por meio do compromisso e participação dos segmentos envolvidos é que se faz uma verdadeira ação pedagógica.

Este CEF apresenta dificuldades em todos os setores, seja no pedagógico, na estrutura ou na participação da comunidade. Foram promovidas reuniões, palestras e eventos com o intuito de trazer a comunidade para participar das atividades escolares e assim acompanhar mais de perto os estudos dos seus filhos. Percebemos no decorrer do ano uma melhora na participação dos pais e uma preocupação maior com as questões escolares.

A escola não possui porteiros, foi contemplada pela empresa G6 que, no caso, não realiza serviços de portaria e sim de segurança. Todos da equipe da direção, coordenação e muitas vezes as servidoras fazem o trabalho de portaria e corredor (bedel).

A equipe recebe os alunos na abertura dos turnos, verifica uniformes e vestuários. Atende professores, pais e abre e fecha portões a todo o momento, além de tentar cumprir com o trabalho pedagógico.

Não existe APAM, pois a comunidade é carente. Há dificuldades até mesmo com material pedagógico simples como cadernos, canetas, lápis etc.

A escola não dispõe de área livre e nem quadra esportiva. O pátio é pequeno, dividido por uma grade, as apresentações cívicas, festa da primavera entre outros eventos são realizados com dificuldades mesmo com a construção de um pequeno palco.

A comunidade escolar vive em meio a problemas sociais, econômicos e familiares e a falta de participação da família no processo educacional é grande e assim temos dificuldade de contato com os responsáveis dos alunos, mesmo através de telefone.

DIFICULDADES DA ESCOLA

São vários os problemas elencados para a elaboração da Proposta Política Pedagógica:

- ❖ Falta participação da família no processo educacional;
- ❖ Deficiência na aprendizagem dos alunos;
- ❖ Salas lotadas que inviabilizam uma melhor atuação do professor;
- ❖ Faltam funcionários;
- ❖ Falta de profissionais (Porteiros, Bibliotecária)
- ❖ Problemas na avaliação e recuperação processual;
- ❖ Contra – valores como: desrespeito, grosseria, violência, etc.
- ❖ Falta motivação para estudos;
- ❖ Falta de acompanhamento da família nos estudos dos seus filhos;
- ❖ Pouco espaço físico para atender 600 alunos por turno;
- ❖ Pouco espaço físico para a prática das atividades da Educação Integral;
- ❖ Desmotivação profissional.

ESPAÇOS ALTERNATIVOS

O Centro de Ensino Fundamental Grandes Pensadores de Samambaia conta hoje com uma sala de informática equipada com 40 computadores. A função desta sala é promover situações de atividades de aprendizagem utilizando a pesquisa.

A biblioteca/sala de leitura não tem funcionado, pois não há bibliotecários para que esse espaço possa ser utilizado adequadamente pela comunidade escolar, levando a perda de livros diariamente.

O projeto de leitura foi elaborado por toda a equipe da escola entre direção, coordenação e professores e utilizam as salas de aula para dar continuidade ao projeto.

Nas salas de aula são realizadas além das aulas, as atividades culturais como feiras, exposições e parte da festa junina, onde ficam as barracas com os alimentos.

Os banheiros necessitam de reforma em geral. Vasos, portas, descargas, torneiras, fechaduras e pias já estão muito velhos e, constantemente são danificados pelos próprios alunos.

Atualmente a escola atende alunos nos turnos matutino, vespertino e noturno, sendo que o matutino e vespertino contam com um total de 1200 alunos na faixa etária de 11 a 14 anos, distribuídos em 11 turmas 6º ano, 09 turmas de 7º ano, 06 turmas de 8º ano e 1 turma de 9º ano e mais 3 turmas de projeto (CDIS).

As violências nas escolas parecem aumentar em frequência e gravidade como um problema mundial. Esses fatos, em parte midiaticizados e em parte submetidos à lei do silêncio, nas salas de aula, escolas e redes escolares, em parte têm raízes em diferentes escalas de valores das pessoas e grupos sociais, que se opõem pelos mais variados fatores. Costuma-se relacionar tais violências à rapidez das mudanças histórico-sociais, ao "mal-estar da civilização", à "crise da escola", à "desagregação da família" e a outros fatores. Entretanto, se o objetivo é encontrar soluções, é preciso, pelo menos, levantar pistas quanto a algumas questões básicas, a exemplo dos conceitos e significados das violências para os participantes e deles extrair implicações para a gestão educacional e a dinâmica curricular.

A partir do momento que a violência se manifesta na escola, um espaço reconhecidamente tido como educativo, é necessário um estudo particular, pois este é o lugar entendido pela sociedade de modo geral como propiciador de oportunidades para aquisição de novos saberes científicos, de ensino e aprendizagem, troca de experiências que oportuniza a prática constante do diálogo e da construção de conhecimentos.

O presente relatório de pesquisa está dividido em três capítulos. No capítulo I consta o Referencial Teórico que deu sustentação teórica à pesquisa. No capítulo II está presente a metodologia de pesquisa e no capítulo III foram descritos a análise de dados e a discussão dos resultados da pesquisa.

CAPÍTULO I

REFERENCIAL TEÓRICO

1.1-CONCEITO DE VIOLÊNCIA

A definição da palavra violência é tratada por diversos autores, um deles, Zaluar (1999, p.32), destaca que a palavra violência vem do latim *violentia* que remete a vis (força, vigor, emprego de força física ou os recursos do corpo para exercer sua força vital). Essa força torna-se violência quando ultrapassa um limite ou perturba acordos tácitos e regras que ordenam relações, adquirindo carga negativa ou maléfica. É, portanto, a percepção do limite e da perturbação (e do sofrimento que provoca) que vai caracterizar o ato como violento, percepção essa que varia cultural e historicamente.

Entendemos que a violência sendo um problema social e multifatorial, acaba se tornando uma das manifestações mais difíceis de prevenir e controlar e que mesmo estando ligada ao nosso cotidiano nas suas mais diversas formas, não podemos banalizá-la, principalmente pelas consequências que podem causar para toda a sociedade.

De acordo a Abramovay (2002), nenhum conceito sobre a definição de violência escolar chega a ser consensual entre os pesquisadores, devido ao fato de que o que é caracterizado como violência varia em função do estabelecimento escolar, da posição de quem fala (professores, diretores, alunos, pais...), da idade e do sexo, depende do lugar, do tempo e dos atores que a examinam, para que seja possível encontrar uma conceitualização mais apropriada.

Quando a palavra se torna impossível, é mais provável que aconteça a violência, motivo pelo qual, tanto para os alunos quanto para os professores a escola deve representar um espaço para a prática constante do diálogo.

No que concerne às práticas de violência que se apresentam no cotidiano das escolas, Abramovay e Ruas(2002,p.29),ressaltam que:

Uma grande mudança resulta do fato de que as escolas e suas imediações deixaram de serem áreas protegidas ou preservadas e tornaram-se, por assim dizer, incorporadas à violência cotidiana no espaço urbano. Ademais, as escolas deixaram de certa forma, de ser um lugar seguro e protegido para os alunos e perdeu grande parte de seus vínculos com a comunidade. (ABRAMOVAY E RUAS, 2002, p. 29)

E isto se revela quando levamos em consideração as questões próprias do contexto atual como globalização, desemprego, a própria violência urbana e a banalização de conceitos antes preservados, como o respeito e a ética. Perde-se não somente parte de seus vínculos com

a comunidade, mas, muitas vezes, com a própria família. E isto se reflete nas ações dos alunos dentro da escola.

Segundo Abramovay (2002) além das consequências subjetivamente estimadas, as violências têm impactos objetivos sobre a qualidade do ensino, na medida em que tendem a provocar uma rotatividade dos professores nas escolas. Pois, estes procuram se transferir para locais onde o exercício profissional se mostre mais seguro, possivelmente abrindo lacunas no quadro de docentes das escolas nas quais ocorrem mais violências.

É relevante destacar que há escolas que passam por situações de violência e outras são historicamente violentas. Concordamos com Charlot (2002), quando argumenta que quando o próprio bairro é presa da violência, é maior a probabilidade de que a escola seja atingida por essa violência. Todavia é apenas uma probabilidade e, é necessário desconfiar dos raciocínios demasiadamente automáticos assim, encontram-se escolas onde há pouca violência, nos bairros violentos.

A intolerância é outro fator fundamental acerca da violência escolar, para Fante (2005,p.91):

A intolerância, a ausência de parâmetros que orientem a convivência pacífica e a falta de habilidade para resolver os conflitos são algumas das principais dificuldades detectadas no ambiente escolar. Atualmente, a matéria mais difícil da escola não é a matemática ou a biologia; a convivência, para muitos alunos e de todas as séries, talvez seja a matéria mais difícil de ser aprendida. (FANTE, 2005, p. 91).

A intolerância quanto à religião, a etnia, opção sexual, classe social, a desqualificação quanto às características peculiares do outro, são fatores que se refletem nos casos de violência. Há de se considerar também a questão da indisciplina e dos conflitos que ocorrem no interior da escola e não podemos deixar de considerá-las, pois essas questões fazem parte da amplitude e complexidade em que se insere a violência escolar.

Para as autoras Abramovay e Ruas (2002), a violência também tem desdobramentos que afetam negativamente a qualidade do ensino e a aprendizagem, fazendo com que os alunos tenham dificuldades de se concentrar nos estudos, percam dias letivos e a vontade de assistir às aulas, fiquem nervosos, revoltados, com medo e inseguros, o que traz prejuízo ao seu desenvolvimento acadêmico e pessoal. Quanto aos professores o absenteísmo é uma consequência direta das violências e do desmerecimento do seu trabalho.

A realidade nas escolas brasileiras, onde o aumento do número de alunos é significativo, e a massificação do ensino está inserida num cenário em que o índice de pobreza da população é elevado e há poucos investimentos na área educacional, são fatores

que influenciam o crescimento dos mais diversos tipos de violência na escola e suas consequências, devido à própria desesperança em relação ao futuro.

Aliada as condições precárias com que se expandiu o ensino público, o professor encontra uma sala de aula diversificada, múltipla e desigual, além da violência que muitas vezes faz parte do seu cotidiano, seja através de ameaças ou de agressões físicas e verbais por parte dos alunos, o que acaba se tornando, às vezes, também um grande desestímulo para esses profissionais, principalmente quando não se sabe como lidar com essas situações de violência.

No que concerne a essa questão da violência o professor, Alves (2002) ressalta que os professores são de matérias e a violência não faz parte de nenhum currículo, não está no programa, mas é preciso cumpri-lo. Tudo vai depender da sensibilidade do profissional, de sua capacidade de pensar outras coisas que não sejam os conteúdos. Se ele for extremamente competente só na sua disciplina, será incapaz de responder às questões provocadas pela onda de violência. Para o autor, a grande pergunta é se estão formando educadores com competência para lidar com situações não previstas.

Portanto, o professor terá de refletir ou não sobre as condições sociais de sua prática, demonstrando seu empenho em atuar de maneira que diminua os efeitos nocivos das desigualdades que atravessam as nossas escolas e a nossa sociedade, e este empenho se dará através de ações para a não-violência. Para que isso aconteça é importante salientar a fundamental participação da gestão escolar nesse processo, aliado a programas de prevenção da política educacional. Barretto (2010,p.440) ressalta que os problemas de indisciplina e violência que penalizam um crescente número de escolas apontam para o fato de que hoje é o próprio professor que tem de se fazer respeitar e de conquistar a sua legitimidade junto aos alunos, condição fundamental para que possa exercer as suas funções pedagógicas. E para tanto ele precisa lançar mão de novas formas de convencimento, o que requer outra concepção de preparo e desempenho profissional.

Entendemos que a violência agrava os problemas relacionados à educação e apesar do sentimento de impossibilidade que afeta boa parte dos educadores, eles têm um papel fundamental em ações preventivas da violência nas escolas, contribuindo para uma cultura de paz, já que está em contato diretamente com os alunos.

Gomes (2008) ressalta que a cultura de paz está intrinsecamente relacionada à prevenção e à resolução não violenta dos conflitos. É uma cultura baseada em tolerância, solidariedade e compartilhamento em base cotidiana, uma cultura que respeita os direitos

individuais - o princípio do pluralismo, que assegura e sustenta a liberdade de opinião - e que se empenha em prevenir conflitos resolvendo-os em suas fontes. A cultura de paz procura resolver os problemas por meio do diálogo.

Violência nas escolas... Quem já não ouviu contar sobre as atribulações de certos professores sequestrados, espancados ou violentados, as brigas com faca na hora do recreio, as extorsões, as drogas?... O rumor público, amplificado pela mídia, não se cansa de repetir que a violência aumenta nas escolas. Cada fato é incansavelmente comentado, até se tornar um símbolo. E o medo vai aumentando.

No entanto, ao contrário do que se diz, a violência diminuiu fortemente, se a considerarmos com um certo recuo histórico e se levarmos em consideração também as noções definidas pelo Direito: Criminalidade, atentado à integridade física das pessoas.

Mas novas formas de violência aparecem na escola, inexistentes há apenas quinze anos atrás. As agressões cotidianas, os atos de “pequena” delinquência se multiplicam. Como localizar com precisão todas as formas de transgressão? Não é fácil isolar as múltiplas causas sociológicas, políticas ou psicológicas.

A violência que as crianças e os adolescentes exercem, é antes de tudo, a que o seu meio exerce sobre eles.

Podemos ver que durante um ano, as situações ficam bloqueadas, aparecem atos de vingança, como se alguma coisa não chegasse a ser dita. Sabemos muito bem como a escola-caserna é vivida como um lugar trancado, que impõe aos corpos uma ordem uniforme, hierarquizada, à qual não há meio de fugir: regras, controles, punições, dominação, são os meios habituais de disciplina.

1.2-AS CAUSAS DA VIOLÊNCIA ESCOLAR

Esse é um tema vasto e abrangente, portanto, não se pode tratá-lo a partir de uma única causa, pois essas violências podem estar relacionadas a vários motivos. Diante de um quadro cotidiano de violência, sua extensão ao campo escolar suscita discussões, seja na família ou na comunidade, uma vez que a escola não é a única responsável pela solução do problema, mas toda a sociedade, incluindo autoridades responsáveis. Por isso diversos especialistas têm abordado o tema com a finalidade de conhecer as suas causas, de forma ampla e não de forma fragmentada.

Partindo do princípio colocado por Viana (2002) de que entender a violência exige conhecimento de suas causas, torna-se imprescindível, no campo da educação, fazer o

levantamento da situação atual de forma a contribuir com o corpo gestor escolar, em particular, e com a sociedade em geral, na verificação dos problemas relacionados com a violência e na viabilidade de possíveis soluções.

Dos muitos fatores que envolvem esta questão, possuem dois sentidos, pois se por um lado as ações praticadas pelo aluno, no espaço escolar, ultrapassam o que se considera socialmente aceitável, por outro lado, compreende-se que estas atitudes têm suas origens na própria realidade vivenciada pelo indivíduo, como uma resposta, em alguns casos às muitas opressões e violências vividas por ele.

De forma geral, observa-se que as agressividades reproduzidas por alunos, podem estar relacionadas ao que eles presenciam ou vivem dentro do convívio doméstico, familiar ou social, mesmo não sendo comportamentos aceitáveis socialmente. O indivíduo que possui comportamentos agressivos na escola, muitas vezes sofre ou presencia atos de violência, pois geralmente está cercado por instrumentos e situações que remetem à violência.

A mídia, por exemplo, é um instrumento que pode contribuir para que crianças e adolescentes reproduzam atos violentos; isso acontece quando se vê na televisão cenas de criminalidade, (inclusive em novelas), de forma empolgante, com distorções significativas da realidade ou nos jogos de vídeo games, violências e lutas. Percebe-se, portanto, que os meios de comunicações têm colaborado para que a violência seja vista de forma natural.

O indivíduo, quando ocupa os espaços na sociedade, chega com informações e comportamentos adquiridos, os quais foram internalizados, de acordo com suas vivências. É a partir desse quadro que se deve analisar o fenômeno, sobretudo, no espaço escolar. Dentre as possíveis categorias de análise pode-se recorrer à privação, uma vez que interfere na construção do código de valores do indivíduo.

De acordo com Mangini (2008, p. 106) —[...] sérias privações podem diminuir a capacidade de administrar os próprios impulsos, os quais podem manifestar-se livremente, prejudicando as relações sociais ou serem reprimidos por um superego severo. Assim, é possível, no âmbito da escola, encontrar estudantes que banalizam a vida e a ordem, praticando atos de violência e vandalismo.

Nesse sentido, a privação pode ocorrer em todas as esferas da vida. Uma criança, por exemplo, pode ser privada desde o afeto, até os bens necessários ao seu pleno desenvolvimento. As crianças que sofrem privações afetivas crescem sem família, sem parâmetros, sem uma direção que age como um facilitador, mostrando a realidade e propiciando a sua compreensão com princípios éticos e morais. Não possuindo um referencial

familiar e doméstico, um sentimento de segurança, o indivíduo busca isso fora de casa, na escola, nas drogas e nos mais diversos caminhos.

A privação afetiva que algumas crianças sofrem, prejudica a formação de sua personalidade, de seu caráter. Segundo Silva (2004) alguns fatores como carência afetiva, falta de cidadania e modelos positivos, podem contribuir para que crianças e adolescentes cometam violência e se transformem em criminosos. Devido à ausência de afeto, as crianças podem recorrer à violência como forma de chamar atenção para receber afeto.

Da mesma forma, uma criança que não é educada para respeitar os outros, a partir das noções de valores e cidadania, busca satisfazer suas vontades e, quando isso não acontece, ela se torna violenta, por possuir a violência como valor principal em sua personalidade, como forma de resolver seus conflitos pessoais. Assim, crianças e adolescentes se espelham em tipos e modelos e a sociedade atual, através da imprensa escrita, falada e televisada, além da internet, têm mostrado muitos casos de assassinatos, roubos, sequestros e tráficos de drogas. Deste modo, faltam modelos humanamente adequados, ou seja, não-violentos, para que os jovens possam segui-los como modelos positivos e dignos.

A falta de afeto e de valores está relacionada com a frequente ausência dos pais, que, em busca da sobrevivência diária para a família, deixam seus filhos com irmãos mais velhos ou babás, o que reduz cada vez mais o tempo de convívio familiar entre pais e filhos. Essa mudança nas relações familiares tem várias implicações. O abandono pode decorrer tanto da necessidade de trabalho dos pais, quanto do total despreparo por parte dos mesmos no trato com a criança, e ainda pela inversão de valores com relação ao papel da escola.

É comum, a prática de terceirização da educação por parte dos pais. Atualmente, as famílias têm transferido a responsabilidade da educação dos seus filhos para a escola, distorcendo e descaracterizando a função da mesma. As perdas ou inversões dos valores afetivos e morais essenciais à educação da criança a vitimou, pois não há mais referencial baseado em afeto, cuidado, respeito mútuo entre crianças e adolescentes, que já não sabem como se comportar na sociedade. As regras que prevalecem parecem ser: o desrespeito, a agressão para com os espaços e com os outros.

Esse seria o espaço das incivildades como colocam Loureiro e Queiroz (2005, p. 4), ou seja, os embates cotidianos, as divergências por vezes não discutidas e não negociadas que se expressam em forma de agressões menores, pois vê com uma roupagem que choca menos que uma agressão física, por exemplo. (2005, p. 4). A incivildade é um sentimento de desrespeito para com todas as pessoas, no ambiente escolar; os alunos são vítimas, perante o

colega de sala até todo o quadro de funcionários. Por serem consideradas corriqueiras, as incivildades, não são discutidas nem negociadas, parecem banais e comuns nos dias de hoje.

A violência na escola ocorre desde Intimidações físicas e verbais à degradação do espaço físico ou depredação. Louças e janelas quebradas, banheiros com encanamento entupido, furto de torneiras e lâmpadas, atos de vandalismo (pichações de paredes, muros, carteiras quebradas dentre outros), são alguns exemplos de violência cometida contra o patrimônio escolar, pelos alunos.

Assim, dentre os mais variados motivos que podem causar violências rotineiras dentro das escolas, pode-se destacar a degradação ou desestrutura familiar. No entanto, se do âmbito familiar e doméstico, detectamos essas formas de violência, é preciso esclarecer que, na escola, o fenômeno está relacionado a muitas outras formas. Crianças, adolescentes e jovens estão sujeitos a elementos convidativos que aparentemente produzem sentido em sua existência como o uso de drogas, o porte de armas, dentre outros.

Para Araújo (2002) a escola sofre interferências de grupos externos que podem modificar toda a sua organização interna ou rotina diária, manifestada pelas invasões de galeras de forma direta e ameaçadora para solucionar problemas ocorridos fora do ambiente escolar, e também do narcotráfico que se manifesta de forma bem sutil, através dos alunos, com o objetivo de aumentar o seu domínio social e físico tanto dentro ou fora das escolas.

O problema do tráfico nas escolas é preocupante, não só por parte dos professores e diretores, mas por parte dos pais, cientes dos inúmeros problemas gerados pela prática.

Segundo Machado,

Os problemas relacionados ao tráfico e utilização de drogas, registrados nas instituições escolares crescem e se agravam a cada dia. Os alunos usuários de drogas apresentam prejuízos no rendimento escolar, saúde, relação familiar, além de estarem mais propensos a distúrbios psicológicos. (MACHADO, 2008, p. 149).

Ao fazer parte da rotina da escola, além das consequências pessoais ao usuário, o tráfico gera mais violência por causa da disputa entre traficantes pelo ponto de venda no interior da escola e porque usuários e pequenos traficantes, no intuito de manter o vício, fazem reféns seus próprios colegas, ou se tornam alvo de acerto de contas do narcotráfico. Junto a esse ambiente tenso, os efeitos das drogas, podem variar entre alguns segundos e algumas horas e gerar um período de inconsciência em que o indivíduo pode se tornar mais agressivo, utilizando-se de comportamentos que levam a pessoa a cometer atos de violência.

Segundo Silva (2008, p. 2)., em matéria sobre assassinato de jovem dentro da escola, publicada no jornal *O Popular*, Dados do Batalhão Escolar da Polícia Militar, revelam que,

até setembro deste ano, foram registradas 609 ocorrências de uso e tráfico de drogas, ameaças, furtos e brigas, entre outros tipos de delitos, dentro de colégios Públicos e Particulares localizados em Goiânia.

Tais dados, não apenas comprova a presença das drogas no ambiente escolar, como também demonstram as consequências, ou seja, a incidência de outros tipos de violência decorridos do seu uso.

Quanto ao uso e porte de armas, tanto brancas ou de fogo, são usados para intimidar alguém ou para se defender; sua presença na escola, cada dia mostra-se comum entre crianças e adolescentes, o que intensifica os casos de homicídios dentro das escolas divulgados pela mídia. A popularidade das armas, no âmbito escolar, em muitos casos, está ligada à familiaridade que a criança tem com o objeto dentro da família. Crianças e adolescentes levam armas para escola com intuito de mostrar aos colegas, ou para se defender de algum problema relacionado aos mesmos, como ameaças, xingamentos e até discussões sem o menor sentido.

Se esses são alguns dos problemas cotidianos, vivenciados pela criança, também se deve considerar que os atos de violência presentes nas escolas, fazem parte de um processo de desprestígio da educação e seus espaços. Sem uma política que realmente promova uma reforma educacional ampla, depara-se com um quadro de funcionários, principalmente no que se referem aos educadores despreparados para lidar com as exigências do mundo presente, consumista e competitivo.

Atualmente, as universidades preparam os profissionais para atuar em escolas ideais— esquecendo-se que serão nas escolas reais — que o profissional da educação, terá que atuar e saber resolver os problemas decorrentes da desigualdade, dos conflitos domésticos, familiares e sociais vivenciados pelos alunos.

Em matéria jornalística acerca da violência e medo nas escolas, a professora Milca Severino, Secretária Estadual da Educação em Goiás, considerou que hoje um dos problemas mais graves da educação básica em todo o país, é a forma como os alunos tratam os professores (LONGO, O Popular, 2008, p. 5). Seja qual for o tipo de violência, as consequências são graves, pois interfere na qualidade do ensino e na formação do aluno, como um todo. Com relação aos docentes, estes estão sujeitos a um quadro de patologias diversas, pois as agressões cometidas pelos alunos interferem em sua disposição física e psicológica, ocasionando, em muitos casos, o abandono das salas de aula e a profissão.

No que se refere ao corpo discente, este também é considerado vítima das inúmeras violências que sofrem, pois se encontra em um ambiente em que não há subsídios necessários ao seu atendimento como um todo, e formação, em particular. Assim, sem correr o risco de generalizações, muitos alunos se apresentam desinteressados, agressivos e possuem dificuldades de relacionamento com os colegas, adquirindo um comportamento anti-social, que pode causar falta constante na sala de aula, a repetência e a evasão escolar, cuja consequência, muitas vezes, é o crime.

Dentro desse cenário, a relação professor e aluno se tornam conflituosa, prejudicando o processo ensino-aprendizagem, o desenvolvimento das aulas e o projeto pedagógico. A escola também sofre as consequências da violência: seus prédios são destruídos, diariamente, através dos atos de vandalismo, que os deixam um caos e assustam a comunidade. Muitas, por não conseguir abrigar os alunos, por falta de estrutura, são fechadas; outras continuam prestando seus serviços precariamente, em favor daqueles que precisam da escola.

Diante do quadro preocupante de violência no âmbito escolar, se faz necessário discutir e promover algumas possíveis soluções para minimizar este conflito, mesmo que essa frequente violência faça parte de uma sociedade que, constantemente, se transforma juntamente com os conflitos gerados por ela.

1.3-A VIOLÊNCIA E O GESTOR ESCOLAR

Uma pesquisa feita por Abramovay et al. (2003) dedica especial atenção ao processo de gestão no êxito das “Escolas Inovadoras”. Com referência ao papel do gestor, a pesquisa aponta que uma gestão aberta à mudança constitui traço comum às escolas inovadoras, uma vez que ela transforma os modos convencionais de administração, adotando uma nova forma de atuação, que privilegia e valoriza os alunos e o diálogo como instrumento para a resolução de problemas.

Desse modo, como forma de repressão à violência, o que emerge são ações e estratégias planejadas, tendo como base os conceitos e princípios que norteiam uma gestão escolar democrático/participativa, ou seja, um processo coletivo e totalizante, cujo requisito principal é a participação efetiva de todos. Cabe lembrar que somente a prática cotidiana, reiteradamente vivenciada, demonstrará o conteúdo de uma gestão dessa natureza.

O primeiro passo para enfrentar o problema é aquilatar a sua real dimensão, sugerem Abramovay e Rua (2004), ou seja, avaliá-lo tal como ele se manifesta cotidianamente. Mas como abordar a repressão e o combate à violência com eficácia? Faz-se necessária a presença

marcante e eficiente do gestor educacional como mobilizador e racionalizador de ações, visto que da sua forma de atuação como uma das peças chave do processo educativo da escola resultará o sucesso ou o fracasso dessa instituição e de seus membros. Suas experiências pessoais influenciarão nas experiências e nas ações coletivas.

Mas, apesar do gestor escolar ainda não contar com um conjunto teórico ajustado e consolidado para realizar suas atividades de administração, as políticas educacionais o favorecem por meio de duas leis principais, que tratam da reorganização dos sistemas de ensino e direcionam as mudanças que se fazem necessárias na educação.

Em primeiro lugar, o gestor tem o apoio da Constituição Federal de 1988, a qual avançou no sentido de garantir uma gestão democrática no ensino público (206, VI) e viabilizar a adoção de critérios para a participação da população no processo educacional dentro das escolas. Neste sentido, o gestor poderá contar com o apoio de membros externos à escola, com suas experiências e vivências pessoais e sociais, não menos importantes que experiências e vivências dos educadores, para alcançar com sucesso os objetivos estabelecidos, neste caso específico, o combate à violência escolar.

Em segundo lugar, o gestor pode contar com apoio legal das disposições da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Conforme o artigo 14 da referida lei, os sistemas de ensino públicos definem as normas dessa gestão na educação básica, de acordo com suas “peculiaridades” e conforme os seguintes princípios:

- I. participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola;
- II. participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes.

Assim, analisando esse apoio legal, pode-se inferir que, quando se trata de democratizar a gestão, os objetivos das políticas governamentais se dirigem para uma concessão maior de autonomia e poder ao gestor educacional, para que ele possa buscar pessoas e parcerias em prol da realização dos objetivos escolares. Contudo, para compartilhar ou abrir espaço para uma gestão participativa, faz-se necessário que o gestor sensibilize toda a comunidade escolar, mostrando que o bem-estar de todos e a busca de resultados satisfatórios e soluções viáveis e efetivas para o que se propôs necessitam do envolvimento e do apoio coletivos.

No final da década de 70, conforme Luck et al. (2001) educadores e pesquisadores de todo o mundo voltaram sua atenção para o impacto que uma gestão participativa pode causar no que se refere à eficácia das escolas como organizações. Observou-se que, sozinho, o gestor não pode dar conta de todos os problemas e questões que envolvem a escola. Adotou-

se, então, uma abordagem participativa, cujo princípio estipula que, para ter sucesso, é necessário que o gestor busque o conhecimento específico e a experiência de seus companheiros de trabalho.

Dessa forma, a gestão da escola assume uma “autoridade compartilhada”, na qual se delega poder aos representantes da comunidade escolar, que por sua vez assumem responsabilidades em conjunto. Para compartilhar a gestão, deve-se envolver a comunidade escolar interna e externa, as diversas associações do bairro, o comércio, entre outros. As parcerias constituem um apoio importante na transposição de barreiras, as mais diversas e divergentes que se apresentam cotidianamente ao longo da trajetória pelo alcance dos objetivos.

Nesta perspectiva, Carneiro (2000, p. 77) destaca que:

“[...] as decisões centralizadas no diretor cedem lugar a um processo de resgate da efetiva função social da escola, através de um trabalho de construção coletiva entre todos os agentes da escola e, destes com a comunidade”. (CARNEIRO, 2000, p.77)

Vale lembrar que as expectativas com relação ao que se espera daqueles com os quais se compartilha a gestão devem ser bastante positivas, pois conforme Gomes (2005), muitos estudos demonstraram que aquilo que se espera de alguém tende a influenciar no seu comportamento e, conseqüentemente, no resultado de suas ações.

Cremos poder depreender que, para se colocar em prática uma gestão democrática, existem algumas condições a se levar em conta, a saber: transparência das informações que devem originar de fonte fidedigna; controle e avaliação compartilhada do processo educativo; tomada de decisão de forma coletiva; as normas de gestão devem ser regulamentadas e\ou legitimadas pela maioria; deve haver coerência da gestão com o processo democrático mais amplo da sociedade; e vigilância e controle da efetividade das ações.

Outros caminhos podem ser sugeridos para se abrir a porta para uma gestão democrático/participativa, são eles: passar da fragmentação para uma visão integradora e mais abrangente da relação escola/indivíduo/sociedade; da ação episódica para um processo contínuo, ou seja, ter atitude proativa; da hierarquização para a coordenação e da limitação da responsabilidade para sua expansão.

Diante das características da gestão democrática e participativa aqui expostas, acredita-se que essa forma de ação se configura como uma estratégia eficaz de prevenção e combate à violência na escola. Contudo, a instituição, por si só, por mais que esteja aparelhada e sua equipe movida pela melhor das intenções, não será capaz de fazer frente a

um problema que tem suas raízes extramuros, seja na forma da violência física, seja na da simbólica, alimentada por hábitos e preconceitos disseminados no meio mais amplo que a circunda.

Boa parte dos recursos necessários à implementação de uma proposta efetiva de enfrentamento da violência deve provir da comunidade externa por duas razões.

A primeira, pelo fato de que nem todas as escolas, aliás, a maioria, integra um programa que as apoie e subsidie nas ações necessárias à almejada integração com a comunidade. A abertura das escolas nos fins de semana, por exemplo, tem um custo diminuto, porém nem sempre a escola tem os recursos para cobri-lo. Assim, caberá à comunidade externa canalizar para a escola os recursos necessários.

Essa colaboração poderá ser obtida como decorrência da articulação promovida pelo gestor com a comunidade, conforme já explanado. Mas, por outro lado, ela poderá advir ainda devido a uma segunda razão, que se refere ao fato de a comunidade também ser vítima da violência, talvez em graus até mais elevados que a escola. Esse fato poderá fazer com a comunidade externa perceba que os interesses da escola são os seus e, desse modo, apoie as iniciativas de combate à violência, contribuindo, de todas as formas, para que a escola alcance seus objetivos.

Mas se a gestão democrática visa à participação efetiva e imprescindível de todos aqueles que integram a escola, é necessário fortalecer, com base em seus princípios, grupos como os conselhos de direção e de classes, as equipes pedagógicas e de apoio administrativo. Esse fortalecimento é indispensável para que esses grupos tenham condições de organizar, mobilizar e articular todos os recursos materiais e humanos necessários para o avanço dos processos sociais e educacionais dos estabelecimentos de ensino.

Criar um ambiente participativo é condição essencial para que as pessoas assumam e controlem o próprio trabalho, sintam-se partes do processo e se envolvam com mais afinco, determinação e empreendimento na busca por resultados satisfatórios. Valorizar cada função exercida no espaço escolar - professores, orientadores educacionais, secretárias, psicólogos, entre outros - é imprescindível para que se obtenha o apoio, o envolvimento e o comprometimento dos profissionais com as tarefas que devem desempenhar no exercício de suas funções. Além disso, Abramovay et al. (2003) salientam que, apesar de suas particularidades, os sujeitos que integram a escola carregam o potencial gerador de um conhecimento global, capaz de colaborar para a diminuição da exclusão e para a promoção de uma maior integração social.

A ação conjunta no combate à violência escolar é indispensável, uma vez que levantamentos realizados em diversos países pela UNESCO (2002) revelam que esse fenômeno social não se restringe ao Brasil ou países em desenvolvimento, mas é um problema globalizado, que se manifesta em diversas partes do mundo.

Pesquisas da UNESCO-Brasil (2002) revelam ainda que a violência cria um ambiente desfavorável ao aprendizado, prejudicando o desempenho do aluno e desmotivando professores e dirigentes. Contudo, as pesquisas também mostram que é possível superar esta realidade e avançar no sentido da construção de uma cultura pela paz, em que a escola seria como o vetor e espaço de difusão e consolidação do novo modelo de relacionamento social. Estudos também mostram que as escolas não são obrigatoriamente violentas, mas que elas passam por situações de violência que podem ser ou não superadas.

Diante do exposto, percebe-se que prevenir e superar a violência dentro da escola demanda um esforço muito grande, mas não é um objetivo inalcançável. Algumas perspectivas que aos poucos começam a ganhar terreno no plano das políticas públicas no Brasil são: o avanço no que se refere à garantia de escola para todos; a expansão do ensino médio, criando maiores oportunidades para a juventude brasileira; e o combate às drogas e à AIDS nas escolas, cujos resultados já se tornam transparentes.

1.4- As implicações da violência escolar na atuação do gestor e nas práticas dos professores

Medeiros (2006) relata que no Brasil, os debates sobre violência nas escolas tiveram início nos anos 1980. Apesar de estarem preocupados com a violência que ocorrem dentro das escolas, os estudos são realizados somente em algumas regiões do Brasil. Pesquisa realizada pela Unesco, informa que esses estudos contemplam apenas 14 capitais brasileiras, e os resultados mostram que além da violência física (contra pessoas e patrimônio) existe a violência simbólica (violação dos direitos e abuso de autoridade) e a incivilidade (humilhação, agressões verbais e falta de respeito). O resultado dessa pesquisa é importante para que as instituições que estejam ou não envolvidas com o ensino promovam estratégias de políticas públicas em favor da diminuição do problema da violência e drogas nas escolas.

O que se deve considerar com relação à busca de solução dos atos de violência que hoje se fazem presentes nas escolas, é que o aluno violento não deve ser tratado como —um ou —o problema. Antes de tudo, é preciso conhecer as experiências vividas por esse aluno e procurar detectar as causas da violência em suas atitudes.

Os problemas familiares são inúmeros. O abandono e a negligência dos pais, as privações afetivas e sociais são desencadeadores de violências nas escolas. Para Milca Severino [...] a violência nas escolas é apenas consequência. Os conflitos têm início na sociedade que sofre mudanças constantemente, e seus reflexos são sentidos nas escolas, pois os indivíduos não são violentos porque simplesmente o querem; o modelo de sociedade capitalista já é por si, violento, a começar por gerar desigualdades gritantes e explorar a mão-de-obra barata, em detrimento dos ricos empresários, banqueiros e industriais. (LONGO, O Popular, 2008, p. 5)

Há muito vêm sendo discutidas e implementadas ações para solucionar o problema, contudo, é fato que o problema da violência nas escolas ainda não tem medidas preventivas eficazes, uma vez que os resultados nem sempre são positivos. Atitudes como investimento em segurança, ou seja, mediadas com vigias e câmeras são consideradas por alguns intelectuais como agravantes. De outra forma, a proposta de parceria com a comunidade, oferece melhores resultados. Araújo (2002, p. 55) relata o caso da Escola Estadual José do Prado, na região do ABC paulista, que mediante ação da diretora, conseguiu controlar a violência na escola, a partir de um pacto realizado com os grupos, que resolveram preservar a escola e a ordem; houve aí, uma comunicação, um diálogo, o qual surgiu um efeito de maneira civilizada.

Apostar na mobilização da comunidade, como um elo entre o ambiente escolar e não escolar, é algo cada vez mais presente. Segundo Silva (2004) a UNESCO é a favor de que a comunidade faça parte da escola, como no caso do Rio de Janeiro e Pernambuco, que foi elaborado um programa, como teste, o qual, nos finais de semana, a escola pública, ficaria aberta para atividades esportivas, recreativas e pedagógicas. Os resultados dessa ação mostraram que a criminalidade diminuiu em até 60%. Segundo a avaliação da Organização das Nações Unidas para a Educação, à Ciência e a Cultura, esse programa colaborou para diminuir as depredações nas instituições, aumentou a participação das famílias nas escolas e melhorou o relacionamento aluno e professor.

Em nível local, como forma de combater a violência e as drogas dentro das escolas, o Batalhão Escolar desenvolve um programa conhecido como PROERD (Programa Educacional de Resistência à violência e as drogas) que trabalha questões como autoestima e amor ao próximo, além das drogas; após dez lições, os alunos recebem certificado de participação em cerimônias formais. Essa ação preventiva foi criada nos moldes de iniciativas

que tiveram resultados positivos em outros 60 países já adotados (LONGO, O Popular, 2008, p. 5).

Essa participação da comunidade deve ser orientada, sobretudo, para as famílias incentivando-as a participar no processo de formação dos seus filhos. A parceria entre escola, comunidade e família abriria espaço de debates e sugestões de estratégias que colaborariam para minimizar a violência no âmbito escolar.

Em favor da paz, são de fundamental importância, políticas governamentais que proíbam acessos de armas e drogas dentro das escolas. Para tentar diminuir a violência nas escolas, a Secretaria Estadual de Educação de Goiás promove o Programa Cidadania e Paz na Escola. Desde 2006, a bandeira da paz percorre as unidades escolares nos 246 Municípios do Estado. (LONGO, O Popular, 2008, p. 5).

Tais políticas também devem refletir sobre a formação de professores capacitados para lidar com os problemas hoje existentes no ambiente escolar. Identificar e analisar os comportamentos agressivos dos alunos, e promover trabalhos de maneira lúdica, inovadora e coletiva, conscientizando-os a respeitar e cooperar com o outro, estimulando as participações e interações em favor da coletividade, são algumas das ações, que um gestor bem preparado, pode projetar e executar com sucesso.

Contudo, a escola não é feita apenas por gestores e alunos. A instituição como um todo, deve estar preparada para promover projetos multidisciplinares, extracurriculares, como a prática de esporte, cultura e lazer, juntamente com ações comunitárias solidárias, promovendo a sua maior interação com a sociedade. É preciso desenvolver nas escolas, ações de solidariedade e de resgate de valores, cidadania, tolerância e respeito mútuo.

A violência nas escolas, aqui abordadas, apesar de não ser gerada por elas, é dentro delas, que se toma grande dimensão, que se intensifica. Dessa forma, toda equipe escolar deve apostar no diálogo, como ferramenta importante no combate à violência. Discutir os assuntos conflitantes existentes no interior da escola é tão importante quanto discutir o planejamento das aulas, e programas escolares, promover a troca de experiências vivenciadas por aqueles envolvidos no processo de formação do indivíduo, significa a valorização do trabalho em equipe, em oposição às formas fragmentadas de resolução que, muitas vezes, não produzem efeitos positivos.

Outro aspecto necessário à comunidade escolar, é o acesso à profissionais específicos como psicólogos e assistentes sociais; esses profissionais atuariam na promoção de reuniões e

debates que conscientizassem sobre o papel da família, sobre os efeitos das drogas, suas manifestações, e como detectar a sua presença no ambiente familiar.

As reflexões e sugestões, ações bem ou mal sucedidas, são inúmeras. Para Moreira (2008) o esporte, a yoga e a caminhada, são ações preventivas capazes de negociar com as pessoas que utilizam a violência contra a escola, favorecendo a interdisciplinaridade no lugar da disciplinaridade. Essas ações colaboram para entender o corpo como um todo, ou seja, leva em consideração que, para prevenir a violência, se faz necessário pensar no indivíduo como um todo: de forma emocional, psicológica, social e física.

A denúncia também tem sido uma das sugestões com vista a evitar mais ondas de crimes. O tenente coronel do Batalhão Escolar da Polícia Militar do Estado de Goiás, explica que sempre orienta diretores de escolas, que registrem ou façam notificações policiais dos casos de agressões, furtos e drogas ocorridas nas escolas sempre que tiverem conhecimento do fato, para que não ocorra delito mais trágico, como assassinatos (LONGO, O Popular, 2008, p. 5).

Viana (2002) ressalta que para acabar com as ideias desfavoráveis da relação escola e violência, é preciso apresentar um projeto alternativo que envolva escola e sociedade, cuja alternativa seria que a instituição, ao invés de reprimir os comportamentos agressivos dos alunos, buscasse a auto-organização dos mesmos, no sentido de contestar a cultura dominante, apontando mudanças. As lutas pela transformação do aluno e da própria instituição devem estar articuladas com as lutas que acontecem fora da escola, pela transformação social.

Diante de tantas possibilidades, é importante não abrir mão, sobretudo, da discussão do fenômeno dentro das escolas, com naturalidade, propiciando a interação de todos. Que a violência não seja vista como um mito, como algo longínquo e sim como algo presente na sociedade ao qual todos estão sujeitos. Nas escolas, a conscientização quanto às graves consequências trazidas para o aluno em todos os âmbitos é ainda mais importante para as devidas mediações em seu desenvolvimento.

CAPÍTULO II METODOLOGIA DE PESQUISA

O presente trabalho constitui-se em uma pesquisa de natureza qualitativa e estudo de caso, com aplicação de questionários junto ao gestor, professores e alunos do 8º ano do ensino fundamental do Centro de Ensino Fundamental Grandes Pensadores.

A opção pela pesquisa qualitativa levou em conta a possibilidade de conhecer, por meio da análise e interpretação das respostas desses professores, as dificuldades encontradas na prática docente no que concerne à violência escolar e sua interferência no bom andamento das atividades pedagógicas.

Nas orientações de Moresi, na pesquisa qualitativa “o ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente” (MORESI, 2003, p. 8).

A abordagem é qualitativa e quanto aos fins classifico-o como de campo, pois segundo Moresi, (2003, p.8):

Pesquisa de campo é uma investigação empírica realizada no local onde ocorre ou ocorreu um fenômeno ou que dispõe de elementos para explicá-lo. Pode incluir entrevistas, aplicação de questionários, testes e observação participante ou não.

Realizou-se estudo exploratório, de abordagem qualitativa, considerando que esta possibilita maior aproximação com o cotidiano e as experiências vividas pelos próprios sujeitos. Foi utilizado o estudo de caso que segundo Ponte (2006):

“É uma investigação que se assume como particularística, isto é, que se debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única ou especial, pelo menos em certos aspectos, procurando descobrir a que há nela de mais essencial e característico e, desse modo, contribuir para a compreensão global de um certo fenômeno de interesse.” (PONTE, 2006, p.2)

2.1 Cenário da pesquisa

Tem-se como cenário da pesquisa o Centro de Ensino Fundamental Grandes Pensadores, escola pública localizada na periferia de Samambaia, Região Administrativa do Distrito Federal e pertencente à Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, que funciona em 3 turnos e atende cerca de 1.200 alunos .

2.2 Participantes do estudo

Os participantes do estudo foram 70 alunos do 8º ano “A” e “B” da escola citada. Todos moram na referida comunidade, estão inseridos na faixa etária entre 12 e 13 anos, além do gestor, do coordenador disciplinar e 10 professores desta mesma instituição educacional, todos servidores efetivos da Secretaria de Educação, graduados e pós-graduados com no mínimo 3 anos de experiência em sala de aula.

2.3 Procedimentos de coleta de dados

Para a coleta de dados optou-se pelo grupo por serem alunos que apresentam várias ocorrências junto ao SOE e à direção com reincidências de indisciplina e mesmo de agressão física e/ou outros casos de violência. O grupo de professores foi escolhido pelo fato de trabalharem com essas duas turmas de 8º ano, sendo que o motivo principal de se pesquisar professores e alunos é fazer uma comparação e uma análise das versões de ambos os segmentos pesquisados.

CAPÍTULO III

Análise de Dados e Discussão dos Resultados

Este capítulo apresenta os resultados encontrados a partir dos dados coletados por meio da aplicação do questionário aberto aplicados a 70 alunos do ensino fundamental do 8º ano turmas A e B e a 10 professores atuantes nessa instituição de ensino, ao coordenador disciplinar e ao diretor, além de um relatório da observação do ambiente escolar.

A análise de dados e a discussão dos resultados foram de suma importância para compreensão dos fatos que levam a ocorrência da violência na referida instituição de ensino e das possíveis intervenções que poderão ser feitas a partir desse estudo.

Portanto, primeiramente apresento a análise dos dados coletados por meio da observação. Em seguida, parto para a análise e discussão, à luz da teoria que embasa este estudo, dos dados coletados pelo questionário referente aos alunos, aos professores, ao coordenador disciplinar e por último os resultados do questionário referente ao diretor. Usou-se nomes fictícios para os participantes da pesquisa a fim de preservar a identidade dos mesmos.

A) A observação

No caso de violência, os pais são convocados e atendidos, há uma conversa entre escola e a família e na medida do possível os problemas são resolvidos. Há uma atenção especial por parte do coordenador disciplinar, que atende os pais com muita presteza.

Os alunos se comportam relativamente bem. Há muita conversa em sala, especialmente nos momentos em que a turma fica sem atividade para fazer. Não foi identificado nenhum caso grave dentro de sala de aula. Segundo Fávero Sobrinho (2010, p.9),

o convívio com os amigos é um dos aspectos mais significativos do cotidiano dos jovens, e um dos mais valorizados, mesmo como forma de prazer. É com os amigos que os jovens partilham as suas opiniões, demonstram maior vontade de interação, o que se constitui em um importante papel de integração social.

Cabe ao professor fazer um acordo com os alunos para que no momento em que ele estiver explicando a matéria ou no momento da atividade essa conversa seja minimizada.

Os alunos do 6º ano, ainda muito imaturos costumam brigar nos intervalos. São brigas infantis como, por exemplo, quando um fala mal da mãe do outro ou coisas desse tipo. Também há uma exclusão dos alunos do 6º ano pelos alunos do 9º ano. Os alunos de 9º ano

dizem que os de 6º são muito infantis e que correm muito. No entanto, casos graves de indisciplina ou violência não foram observados. Parte dessas brigas se resolve por si mesma e outra parte vai parar na direção e sofre intervenção do coordenador disciplinar que aplica a sanção cabível e avisa a família.

Não podemos dizer que há uma relação de confiança entre professor/aluno. A relação é boa, porém não há muito diálogo. Existe certo distanciamento entre eles e um número grande de reclamações dos alunos pela falta de diálogo entre o professor e o aluno. Ainda não se leva em consideração que o aluno mudou, e que a escola e a postura do professor também precisam mudar.

Segundo Tardiff, (2002), cabe ao professor problematizar os “registros experienciais e culturais” presentes no cotidiano escolar e articulá-los aos “registros epistêmicos” próprios da educação escolar e para os quais ele, como “sujeito epistêmico” recebeu uma formação pedagógica. O autor diz ainda que cabe ao professor estabelecer ligações transversais de “saber para saber”, ponto fundamental de um novo tipo de interação educativa entre o saber científico, do qual o professor é o agenciador, e os “saberes dos alunos”, quaisquer que sejam eles, sejam quais forem suas condições de historicidade em sala de aula. Tardiff (2002) sugere três passos que o professor pode seguir para adotar essa postura. Dentre esses passos, o primeiro intitula-se “A escuta sensível” e diz: Saber ouvir o que os alunos, como sujeito coletivo, têm a dizer. É a partir desse momento que o professor pode estabelecer um diálogo com o universo simbólico dos alunos, desvelando as suas falas, as suas narrativas, a sua utopia, os seus sonhos, as suas necessidades, as suas possibilidades e seus limites.

Há o costume de os alunos procurarem ajuda da coordenação quando precisam resolver algum problema. Eles veem o coordenador como um ponto de apoio quando não conseguem resolver seus problemas com os professores.

Na tentativa de responder às demandas da escola, o coordenador pedagógico afasta-se do seu referencial atributivo, da conscientização de suas atribuições e de seu papel referencial de coordenador de ações. Esse afastamento instabiliza o profissional, a tal ponto que, segundo Bartman (1998, p.1) o coordenador não sabe quem é e que função deve cumprir na escola. Não sabe que objetivos persegue. Não tem consciência do seu papel de orientador e diretivo. Diante dessa sobreposição de papéis o coordenador passa também a atender o aluno nas suas necessidades que não são supridas em sala de aula. Percebemos claramente que a violência/ indisciplina envolve todos os membros da direção e coordenação e acaba atrapalhando o trabalho de todos.

A maioria dos alunos participa das atividades propostas pelos professores. Há uma pequena minoria em cada sala que não faz atividades e vez ou outra precisa ser encaminhada à direção.

O comportamento da turma varia de acordo com o professor regente. Há professores com mais domínio de turma e outros que deixam a turma um pouco mais a vontade. Em aulas como matemática e português os alunos se comportam melhor, com menos conversa paralela e muita atividade para fazer. Em aulas como arte e educação física percebe-se que os alunos apresentam um comportamento não muito exemplar. Nas aulas de educação física, por ser em ambiente fora de sala de aula, onde os alunos ficam mais a vontade, tem mais contato uns com os outros, ocorrem mais casos de brigas e agressões verbais e às vezes físicas. Mesmo assim não foi observado nenhum caso mais grave durante o período da observação.

É importante que o professor tenha autoridade, para conduzir de forma mais proveitosa possível o processo de ensino-aprendizagem. E essa autoridade, precisa ser exercida nos domínios intelectual, ético, profissional e humano. Neste sentido

o professor com autoridade é também aquele que deixa transparecer as razões pelas quais a exerce: não por prazer, não por capricho, nem mesmo por interesses pessoais, mas por um compromisso genuíno com o processo pedagógico, ou seja, com a construção de sujeitos que, conhecendo a realidade, disponham-se a modificá-la em consonância com um projeto comum. (LUNA, 1991, p.69)

Observou-se alguns casos de professores que possuem muita autoridade com os alunos, que são muito respeitados pelo grupo de alunos e que nem por isso usam de autoritarismo. A autoridade é acompanhada de muito carinho para com os alunos. Em contrapartida, há outros que mesmo sendo “bacanas”, “legais” com os alunos, não são muito respeitados no que se refere à disciplina em sala de aula.

Os professores tratam seus alunos bem. Apesar de perceber alguns que falam claramente que não gostam de contato direto com alunos, que preferem manter distância. Na maioria dos casos há uma relação amigável entre alunos e professores, no entanto sem muito diálogo. Podemos aqui recorrer às ideias de Arendt que diz (...) a educação é o ato de acolher e iniciar os jovens no mundo tornando-os aptos a dominar, apreciar e transformar as tradições culturais que formam a herança simbólica comum e pública (ARENDT, 1990, p. 239).

Os professores tentam resolver os pequenos problemas de violência em sala em sala. Casos como aluno que xinga o colega em sala e não faz uma atividade ou outra são resolvidos em sala. Em casos mais graves os alunos são encaminhados à direção da escola. Essas decisões dos professores são tomadas baseadas nas ideias de Vasconcelos (1997) que defende

a proposta de que o professor deve ter condições de, por exemplo, entabular uma conversa mais particular com algum aluno, se as providências tomadas em sala de aula não foram suficientes para resolver o problema. Esse tipo de atitude foi observado em alguns professores durante a pesquisa. Em casos em que o aluno não estava se adequando às regras da sala, o professor o convidava a ir até outro local para terem essa conversa mais particular. Na maioria dos casos observados, o resultado foi positivo, não necessitando da intervenção da equipe diretiva.

A direção aplica as punições de acordo com a gravidade do caso. Pode ser apenas uma conversa com o aluno, uma advertência, suspensão, chegando até a transferência da escola. A família sempre é avisada no caso de o aluno comparecer à direção por indisciplina e/ou violência. Há dois anos a escola adotou a figura do coordenador disciplinar. Este coordenador fica exclusivamente responsável por resolver problemas com disciplina. É o coordenador disciplinar que faz o primeiro atendimento ao aluno, em seguida faz contato com a direção e a família do educando.

No entanto, muitos problemas, como ameaças e agressões verbais são resolvidos pelos próprios professores, na própria sala de aula.

Retomando as ideias de Franco (2004) no sentido de que talvez seja na sala de aula, na relação professor-aluno que esteja a raiz do problema e a solução para o mesmo. Não é necessário mandar para a direção ou para a coordenação pedagógica um aluno que ofendeu a mãe de seu colega, por exemplo. Com uma boa conversa, um diálogo e um pouco de compreensão do professor e boa vontade do aluno, pode-se resolver ali mesmo impasses dessa natureza.

Há professores que raramente tem problemas de indisciplina em sala e nos casos raros em que acontece, resolve tudo com diálogo com os atores do ato indisciplinado, evitando assim que esse comportamento chegue a se transformar em uma violência, seja verbal ou física.

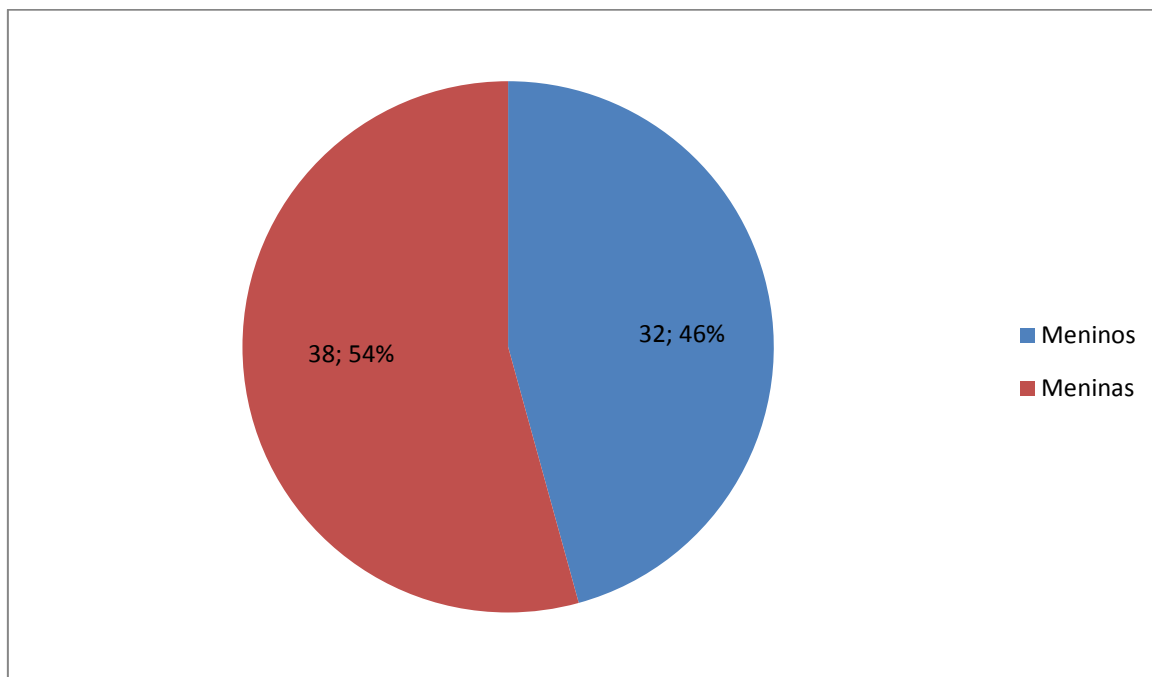
Para entendermos e lidarmos bem com o nosso aluno, precisamos acima de tudo compreender que os tempos mudaram e que dentro da escola não é diferente. Green e Bigum (1995) tem se destacado por estabelecer a diferença histórica entre o aluno de ontem e o de hoje. Para eles, os alunos que estão em nossas escolas são radicalmente diferentes dos alunos de épocas anteriores por apresentarem uma “historicidade pós-moderna”, constituída por um conjunto de práticas culturais responsáveis pela “produção” de sujeitos particulares, específicos, com identidade e subjetividades singulares. Para os autores, o aluno de hoje é

um sujeito-estudante pós-moderno porque ele apresenta um novo tipo de subjetividade humana – uma subjetividade pós-moderna – que se caracteriza pela efetivação particular da identidade social e da agência social, corporificadas em novas formas de ser e de tornar-se humano (GREEN E BIGUM 1995 p. 69).

B) A violência na escola sob a visão dos alunos

Foram entrevistados 70 alunos dentre os quais 38 são do sexo feminino e 32 do sexo masculino, conforme mostra o seguinte gráfico.

Gráfico 1: Gênero



Fonte: Pesquisa de campo. SOUZA, Ivanice Tavares de, Samambaia-DF, 2014.

Os entrevistados apresentam idade variável entre 10 e 15 anos, sendo que a maioria (59) têm entre 13 e 15 anos, 9 alunos possuem idade entre 10 e 12 anos e apenas 2 alunos possuem 15 anos de idade ou mais.

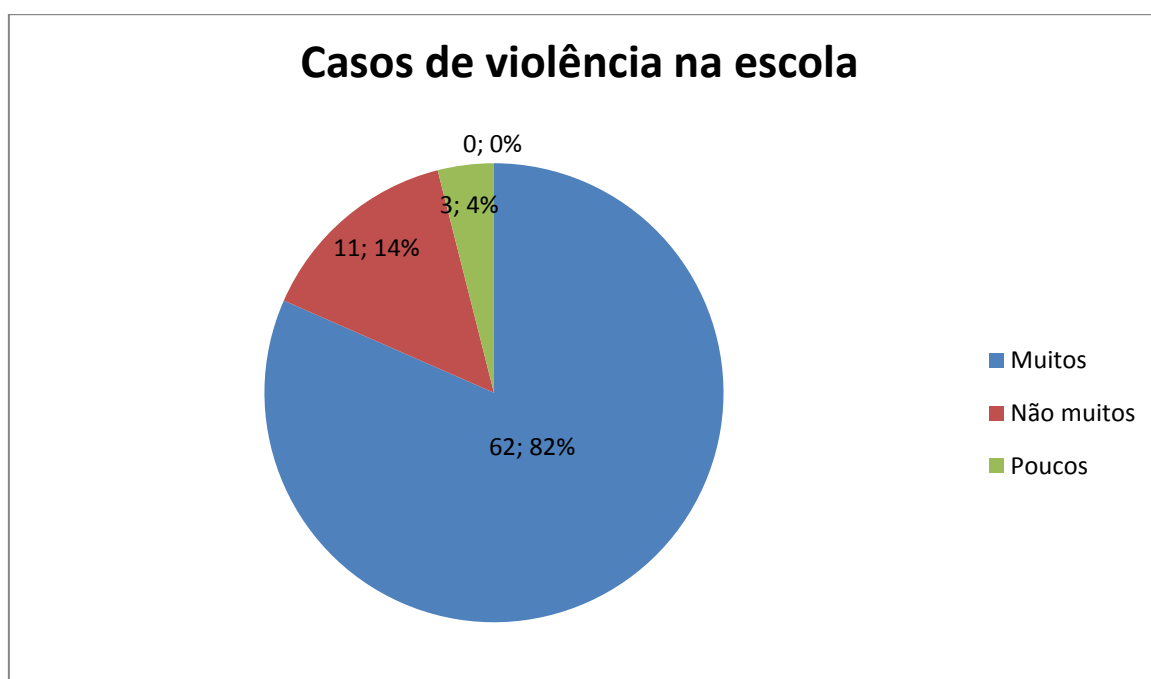
Os alunos foram questionados sobre a **importância da escola em sua vida** e a maioria (62) considera que a escola é muito importante em sua vida contra uma minoria (8) que considera a escola importante.

Apesar de a maioria dos alunos afirmarem que a escola é muito importante em sua vida, há um total acordo com as ideias de Vasconcelos (1997) quando ele diz que há uma absoluta falta de sentido para o estudo por parte dos alunos. A pergunta “estudar pra que”, nos parece, nunca esteve tão forte na cabeça dos alunos como agora. A famosa resposta dada por

séculos, “estudar para ser alguém na vida”, chega a provocar risos nos alunos, ante a clara constatação de inúmeras pessoas formadas, porém desempregadas ou mal remuneradas.

Quando questionados se **acontecem muitos casos de violência na escola**, a grande maioria (62) concorda que há muitos casos de violência no interior da escola contra 11 que acreditam que não há muitos casos de violência e 3 que afirmam que há poucos acontecimentos violentos no ambiente escolar. Veja o resultado dessa questão no gráfico abaixo.

Gráfico 2: Acontecem casos de violência na sua escola?



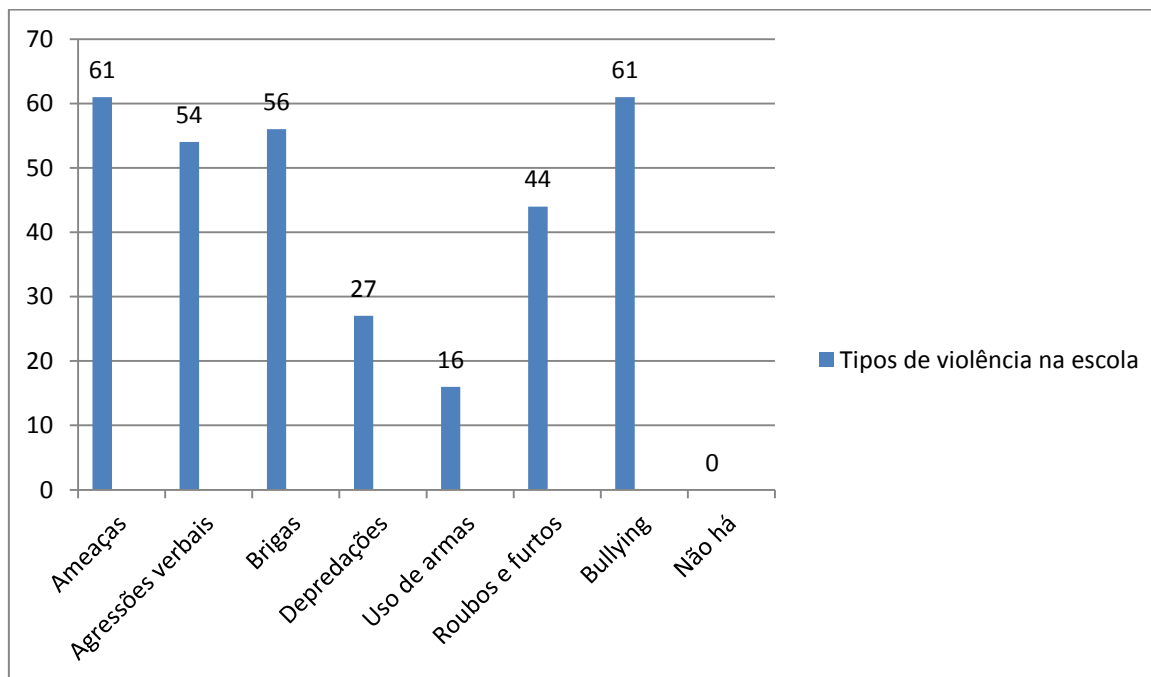
Fonte: Pesquisa de campo. SOUZA, Ivanice Tavares de, Samambaia-DF, 2014.

Os resultados da questão aqui analisada vêm ao encontro das ideias de Mariano Narodowzky (2001), educador argentino, que diz que a ideia consolidada pela educação moderna de que as crianças e jovens são obedientes e dependentes não corresponde mais à realidade contemporânea. Para ele, tanto a infância quanto a adolescência devem ser ressignificadas na perspectiva do cruzamento de dois grandes polos:

“Um é o polo da infância hiper-realizada, da infância da realidade virtual. Trata-se das crianças que realizam sua infância com a internet, os computadores, os sessenta e cinco canais da TV a cabo, os videogames, e há tempo deixaram de ocupar o lugar do não-saber. (...) O outro ponto de fuga é constituído pelo polo que está conformatado pela infância desrealizada. É a infância que é independente, autônoma porque vive na rua, porque trabalha desde muito cedo, é a infância não da realidade virtual, mas da realidade real. (NARODOWZKY, 2001, p.19)

Quando perguntados sobre **os tipos de violência que mais ocorrem na escola** (era possível marcar mais de uma alternativa), a maioria concorda que todos os tipos de violência da lista estão presentes na escola. Inclusive o uso de armas foi marcado por 16 alunos. Vejamos o resultado da pergunta com mais detalhes no seguinte gráfico.

Gráfico 3- Quais os tipos de violência que mais ocorrem na escola?



Fonte: Pesquisa de campo. SOUZA, Ivanice Tavares de, Samambaia-DF, 2014.

Aqui, é necessário concordar com Costa (2005) que diz que já é tempo de nos darmos conta de que o mundo mudou muito também dentro das nossas escolas. Aquele ambiente escolar tranquilo que tínhamos na nossa época de estudantes já não existe mais. É preciso repensar a escola e nos adaptarmos a essa onda de violência que está acontecendo nos ambientes escolares. É preciso mudar essa realidade sob pena de chegarmos a um ponto em que perderemos o controle dessa situação.

Em seguida os alunos foram questionados **sobre que ações da gestão são mais eficazes no tratamento da violência escolar**. Aqui também era permitido marcar mais de uma resposta por aluno. “Dialogar, conversar, ouvir mais os alunos” e “Punir de forma mais severa e redobrar a vigilância” foram as alternativas mais citadas (26), contra 16 marcações para “Recorrer à polícia em casos graves de violência” e 5 marcações para “Promover palestras, debates e seminários sobre o tema violência”.

Quando inquirido se eles **consideram as medidas disciplinares contra a violência adotadas pela escola as mais adequadas**, apenas 10 alunos dizem que as medidas adotadas pela escola contra problemas disciplinares são adequadas e os outros 60 não concordam com tal afirmação. Esses 60 alunos que discordaram dos colegas acham que a equipe gestora deve dialogar mais com o aluno, tornar o espaço escolar mais agradável e que precisa haver um acompanhamento mais individualizado com os alunos com dificuldades disciplinares e problemas de violência. A aluna Samara diz que não concorda com a direção “porque eles estão trocando os pés pelas mãos. Por exemplo, quando a escola não deixa os alunos entrarem, quando estão suspensos, eles ficam na rua fazendo coisas erradas.” Já a aluna Karina diz que a escola deveria ser mais severa com os casos mais graves enquanto o aluno Fernando diz que “eles (a direção) não procuram saber o que de fato aconteceu e que tomam medidas sem investigar o que houve.

Houve muitas respostas parecidas, no entanto a maioria dos alunos concorda que a direção deveria ouvir mais os alunos envolvidos que advertência e suspensão não resolvem os casos violentos na escola, pois os alunos ficam em casa 3 dias e voltam do mesmo jeito.

A respeito dessa questão, Fávero Sobrinho (2010) defende que com a presença dos jovens, a escola constitui-se em um espaço de convivência, pois a ordem, a disciplina, o silêncio cederam espaço à comunicabilidade, à sociabilidade e à interatividade.

É complicado para o gestor manter o equilíbrio entre o formalismo do ambiente escolar e um ambiente em que o dialogo esteja sempre presente, situação esta, apreciada por grande parte dos alunos questionados. Por conta dessa dificuldade podemos recorrer às ideias de Vasconcelos (1997, p 23) que diz:

A educação, para ser autêntica precisa de direção, de orientação. Contudo, ao mesmo tempo, precisa de liberdade e de espontaneidade. O desafio é esse: quando estamos sendo “porto seguro”, temos de questionar: “Até que ponto deveríamos ser ‘mar aberto’, incentivar a participação do grupo?” Quando estamos sendo “mar aberto”, precisamos manter a tensão: “Até que ponto não teríamos que ser ‘porto seguro’, amarrar, sistematizar, intervir?”. Manter essa tensão interna é a arte do professor para enfrentar a questão da disciplina.

O questionário que foi aplicado aos alunos continha duas questões abertas em que era possível cada aluno expressar sua opinião sobre os questionamentos. A questão de número 3.5 perguntava aos alunos **o que a direção da escola pode fazer para diminuir a violência dentro da escola e em seus arredores.**

Um ponto recorrente na fala dos alunos é a questão do diálogo entre a equipe gestora e o aluno. Muitos reclamam que o coordenador disciplinar não ouve a versão dos alunos e

aplica advertência e suspensão para pessoas que, segundo eles, são inocentes. A aluna Cristina deixa claro essa postura quando comenta que “a direção poderia dialogar mais com os alunos e não dar suspensão e advertência para todo mundo”.

A maioria dos alunos concorda que precisa haver mais policiamento e vigilância dentro da escola e nas proximidades da mesma. Segundo eles há muitas brigas, assaltos e até homens que correm atrás das meninas nas ruas próximas à escola. A aluna Júlia cita que “deveria ter mais policiais e vigilantes na hora da entrada e na hora da saída dos alunos e deveriam revistar os alunos para não entrarem com armas na escola”. Muitos alunos citaram ainda a necessidade de a escola oferecer palestras sobre o tema violência, paz na escola e prevenção ao uso de drogas assim como atividades culturais como disse o aluno Marcelo: “Deveriam promover atividades culturais, porque essas atividades podem influenciar na educação dos alunos e talvez depois eles possam levar os estudos mais a sério”.

O objetivo das questões abertas era fazer com que os alunos expusessem suas opiniões e angústias sobre a violência na escola e que fizessem uma análise mental sobre suas próprias atitudes na escola. Para isso contamos com o suporte das ideias de Fávero Sobrinho (2010, p 8.) que analisa o aluno de hoje em detrimento do aluno de antes. Segundo o autor o aluno que está em sala de aula já não corresponde a nenhuma das representações propostas pela cultura escolar de natureza iluminista, porque, hoje na posição de *sujeito do conhecimento*, ele é, sobretudo, um sujeito histórico, que traz para a sala de aula um repertório de experiências constitutivas da cotidianidade da sociedade contemporânea. Segundo o autor ainda, a escola deixou de ser uma comunidade de ouvintes, centrada no discurso pastoral dos professores. Concordando com esse pensamento é que se deu voz aos alunos nesse trabalho, para que pudessem expor suas insatisfações e porque não, seus contentamentos com o ambiente escolar.

Seguindo essa linha de raciocínio, na questão de 3.6, os educandos foram inquiridos sobre **o que eles próprios podem fazer para contribuir com a paz na escola.**

Como aconteceu na questão anterior, houve muitas respostas parecidas. A maioria dos alunos concorda que precisam mudar de atitude para que o ambiente escolar fique mais favorável à aprendizagem.

Enquanto isso a aluna Manuela concorda com vários colegas quando diz que “os alunos em sala de aula devem obedecer às ordens dos professores, não faltar muitas aulas, se esforçar, cooperar com os professores e serem mais interessados com as atividades”. Muitos concordam com os colegas quando dizem que os alunos devem respeitar uns aos outros, não

procurar confusões, respeitar aos professores, não ostentar objetos de valor, não xingar, não provocar os outros e não andar com más companhias.

O aluno Paulo também reproduz a fala de muitos colegas quando diz que “Não humilhar os outros, não fazer ameaças e não praticar bullying com as pessoas” são atitudes que ajudariam muito a estabilizar o ambiente escolar e a propiciar uma aprendizagem mais efetiva e instalar um ambiente de paz na sala de aula e na escola.

O fato interessante é que os alunos reconhecem que precisam tomar atitudes para melhorar o andamento das aulas, mas não o fazem.

C) A violência em sala de aula sob a visão dos professores

Após o estudo das respostas do questionário aos alunos realizou-se análise baseada no tratamento das respostas ao questionário aplicado à população docente da escola, tendo sido obtidas 10 respostas que representam cerca de 25% dos professores da escola.

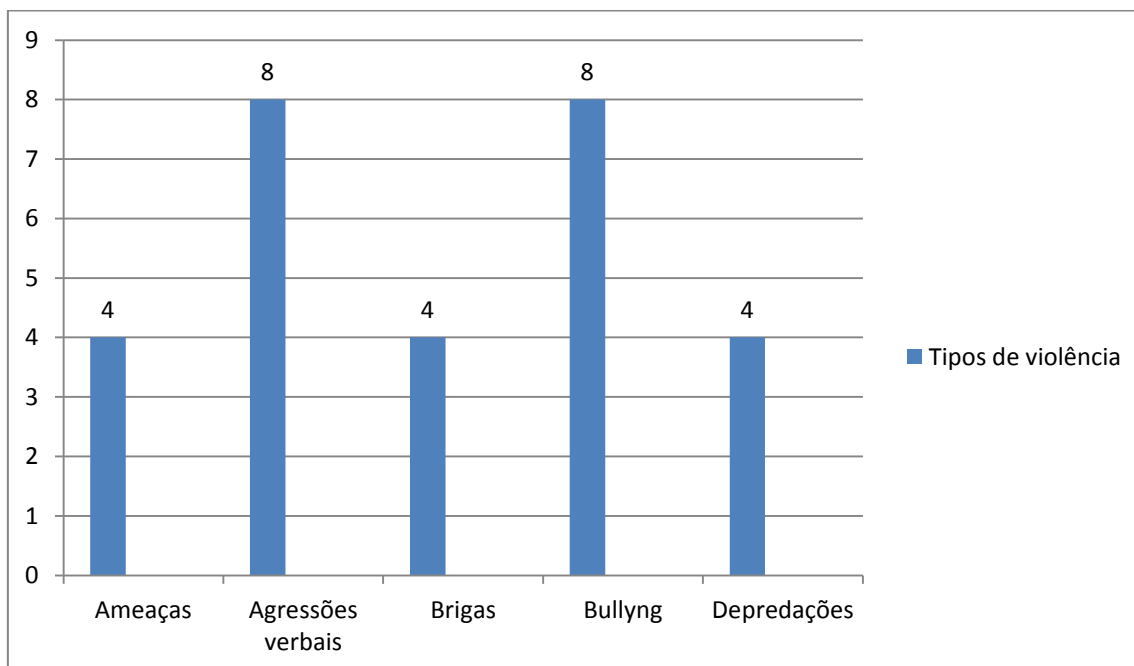
Sete questões foram respondidas por professoras contra 3 respostas apresentadas pelos professores o que representa, proporcionalmente, a distribuição do sexo da população docente da escola.

Dentre os 10 professores que responderam ao questionário, 7 respostas referem-se a professores do quadro efetivo e apenas 3 estão sob o regime de contrato temporário.

Quanto ao tempo de docência, 8 professores que responderam têm entre 5 e 20 anos de docência e apenas 2 têm menos de 5 anos de serviço na escola. A escola tem um histórico de professores bem antigos, que atuam na mesma desde a sua inauguração em 1997.

Na questão 2.1 foram questionados quanto à **quantidade de casos de violência na escola**. A maioria (8) concorda que não há muitos casos de violência na escola contra 2 que dizem que há poucos casos.

Na questão 2.2 indagam-se **quais os casos mais comuns de violência na escola**. Foram emitidas 15 respostas (era possível dar mais do que uma resposta), sendo que 8 professores citaram o bullying, 8 citaram agressões verbais, 4 citaram ameaças e brigas e mais quatro respostas para depredações do patrimônio público, conforme gráfico a seguir.



Fonte: Pesquisa de campo. SOUZA, Ivanice Tavares de, Samambaia-DF, 2014.

Vasconcelos (1997) argumenta que muitos problemas de violência têm origem na questão do desrespeito, e que os alunos não verbalizam claramente esse desrespeito, mas em contrapartida praticam atos indisciplinados e violentos. Podemos conferir suas ideias no seguinte trecho:

Eles não conseguem verbalizar isto de uma maneira clara, mas vão manifestar de alguma forma que as coisas não vão bem, como por exemplo: querer sair a todo o momento da sala de aula, ficar conversando fora do assunto, não fazer as lições, agredir os colegas ou o professor, etc. (VASCONCELOS, 1997, p.245).

Em seguida foi questionado, na questão 2.3, sobre **qual a medida mais adotada pela escola nos processos disciplinares dos alunos**.

Dois professores citaram a advertência oral como a mais praticada pela direção, contra 6 que citaram a advertência escrita e outros 2 citaram suspensão.

A questão 2.4 pede para que os professores deem sua opinião sobre **quais ações da direção são mais eficazes no tratamento da violência escolar**.

Todos os professores concordam que a realização de palestras, debates e seminários sobre o tema violência e estabelecer parcerias com a família são as medidas mais eficazes no tratamento da violência escolar.

Visualizamos então, na resposta à questão 2.5 que questiona os **docentes se eles consideram as medidas adotadas pela escola as mais adequadas**, que 100% dos

professores entrevistados (10) não estão satisfeitos com as medidas disciplinares adotadas pela equipe gestora.

Em seguida justificaram suas respostas negativas à questão 2.5. A professora Marly disse: “Percebo que a escola não trabalha muito bem o tema violência e não tem um conhecimento mais aprofundado do gerador da violência, preocupando apenas em resolver a situação momentânea” enquanto a professora Laila diz que “Esta escola não desenvolve nenhum projeto de prevenção à violência” e o professor Fernando comentou que “Faltam orientadores para desenvolver um bom trabalho na prevenção à violência”.

Na sequência analisamos a questão 2.7 que indaga **se o professor entende que a suspensão é a melhor maneira de combater a violência na escola**. Como já vimos em resposta a uma questão anterior que os professores não concordam com a aplicação da suspensão, da forma que está sendo usada, como a melhor maneira de combater a violência. Para justificar essa afirmação transcrevemos a fala da professora Roberta que diz que: “O combate à violência é mais fácil de resolver com palestras, debates, seminários e outros do que com uma simples suspensão”. Enquanto sua colega Fernanda diz: “Vejo que poderia ser trabalhado um projeto para que não fosse necessário chegar ao ponto de suspensão” e o professor Sandro reforça: “Deveria ser o último recurso, primeiro desenvolver ações combatendo a violência como as palestras, por exemplo.”

Com relação a **estratégias para reduzir os casos de violência na escola e instalar um clima de paz no contexto escolar**, os professores, na questão 2.9 fizeram algumas sugestões à equipe gestora. Transcrevemos algumas respostas que refletem a opinião da maioria dos professores:

*Palestras, seminários, projetos, todos envolvendo o tema, para que haja a conscientização de todos, melhorando assim, o clima escolar;

*Acredito que palestras e uma melhor segurança, melhores condições de trabalho para toda comunidade;

*Palestras, projetos bimestrais onde os alunos trabalhariam o tema paz, drogas e valores;

*Promover mais projetos que envolvam os alunos e tirem o foco deles para a violência e a sexualidade.

Em relação a essas estratégias, Lima e Santos (2007) diz que não existe uma receita pronta para trabalhar com todas essas diversidades, mas sugere uma proposta de trabalho centrada na ação-reflexão-ação que visa contribuir para a problematização das práticas pedagógicas tendo como recorrência:

*O conhecimento e a experiência dos professores;

*O princípio da “construção coletiva”, sem mascarar as diferenças e tensões existentes entre todos aqueles que convivem na instituição, considerando que as situações vividas nela se inscrevem num tempo de longa duração bem como as histórias de vidas de cada professor;

*Uma metodologia de trabalho que possibilite aos professores e aos coordenadores atuarem como protagonistas, como sujeitos ativos no processo de identificação, análise e reflexão dos problemas existentes na instituição e na elaboração de propostas para sua superação.

Nessa proposta metodológica de ação-reflexão-ação Lima e Santos (2007), dizem que podemos identificar 3 etapas: a) Compreensão da realidade da instituição; b) Análise das raízes dos problemas (compreendendo a realidade escolar); c) Elaboração e proposição de formas de intervenção de ação coletiva.

É necessário refletir juntamente com Vasconcelos (1997), que diz que:
Fica patente que a tarefa de construir uma nova disciplina passa pelo restabelecer o sentido para a escola, para o estudo, bem como pelo restabelecer os limites. Só que aqui, em lugar de falarmos simplesmente de limites, vamos falar de exigências, o que inclui os limites, mas também as possibilidades, com frequência esquecidas; isto é importante para não cairmos numa disciplina meramente restritiva, do “não”, “não” e “não”. (VASCONCELOS, 1997, p.242).

Ainda com relação às estratégias sugeridas pelos professores à equipe gestora, a grande maioria dos professores concorda que precisa haver um envolvimento maior da escola com esse aluno violento. O aluno precisa sentir que é parte integrante da escola. Muitos sugeriram atividades práticas como, por exemplo, que esses alunos sejam monitores nas aulas de educação física ou que ajudem na manutenção do jardim. Concordam também no sentido de que a família precisa estar mais presente na vida escolar desse aluno. A professora Joana sugere que sejam criadas atividades para o aluno fazer dentro da escola mesmo quando o mesmo estiver suspenso, atividades que o levem a refletir sobre o ato que ele cometeu.

A professora Carla defende que o aluno violento não pode ficar ocioso em momento algum, pois é exatamente aí que ele começa a ficar inquieto e comete deslizes com a indisciplina.

O professor Antônio acredita no poder do esporte e das atividades culturais e esportivas para que esse aluno possa voltar a se comportar como o esperado em sala de aula.

Para finalizar as análises dos questionários recorre-se às ideias de Dayrell (2007, p.1125) que diz que a escola tem de se perguntar se ainda é válida uma proposta educativa de massas, homogeneizante, com tempos e espaços rígidos, numa lógica disciplinadora, em que a formação moral predomina sobre a formação ética, em um contexto dinâmico, marcado pela flexibilidade e fluidez, de individualização crescente e de identidades plurais. Parece-nos que

os jovens alunos, nas formas em que vivem a experiência escolar, estão dizendo que não querem tanto ser tratados como iguais, mas sim, reconhecidos como jovens, na sua diversidade, um momento privilegiado de construção de identidades, de projetos de vida, de experimentação e aprendizagem da autonomia. Demandam dos seus professores uma postura de escuta – que se tornem seus interlocutores diante de suas crises, dúvidas e perplexidades geradas, ao trilharem os labirintos e encruzilhadas que constituem sua trajetória de vida. Enfim, parece-nos que demandam da escola recursos e instrumentos que os tornem capazes de conduzir a própria vida, em uma sociedade na qual a construção de si é fundamental para dominar seu destino.

C) A violência em sala de aula sob a visão da equipe gestora – Diretor e coordenador disciplinar

Tendo em vista o fato de que foram entrevistados apenas dois membros da equipe gestora (coordenador e diretor), faremos a análise conjunta das respostas desses dois entrevistados.

Tanto o diretor como o coordenador são professores efetivos da SEDF, porém o diretor possui 13 anos de experiência enquanto o coordenador é recém-chegado a esta Secretaria com apenas um ano de experiência. O diretor é formado em matemática com pós-graduação em gestão escolar e o coordenador formado em letras com pós-graduação em docência do ensino superior.

Ambos concordam que **a escola pesquisada pode ser considerada como violenta**, citando na questão 2.3, casos de agressão verbal, ameaças, brigas e depredações do patrimônio público.

Na questão 2.4 foram questionados sobre **que fatores colaboram para a ocorrência desse comportamento violento entre os alunos**. Eles concordam que a ausência familiar no cotidiano escolar é um dos fatores que colaboram com o comportamento desregrado desses alunos. Segundo eles, se a família acompanhasse e punisse esse aluno violento, provavelmente as ocorrências no interior da escola diminuiriam consideravelmente.

A resposta da questão 2.5 se confunde com a resposta anterior, pois, quando perguntado **se existe características comuns entre os alunos atendidos na coordenação disciplinar**, citaram novamente a falta da família. Além da falta de interesse pelos estudos e da falta de perspectiva de futuro.

A questão 2.6 pergunta **qual a atitude do gestor diante desses casos de violência atendidos na escola**.

Eles afirmaram que seguem uma sequência de punições pré-determinadas pelo regimento, dependendo da gravidade do caso. Muitas vezes em casos de ameaças e agressões verbais conseguimos resolver tudo com uma boa conversa, disse o diretor, fazendo uma conexão com as ideias de Nunes (2011), que descreve que:

A mediação é uma ótima ferramenta para lidar com os conflitos interpessoais ocorridos na escola, principalmente quando eles envolverem poucas pessoas, como, por exemplo, autor e vítima, e se referirem a infrações escolares mais simples, embora possa também ser usada para conflitos com várias pessoas, com a mesma sistemática. (NUNES, 2011, p. 84).

Mas em casos que necessitam o registro escrito, damos uma advertência, suspensão, convocamos o responsável e em casos em que percebemos que o aluno não se adequa mais a esta escola, tentamos conseguir vaga para ele em outra instituição da rede, sempre com a autorização dos pais, completa o gestor.

Quando as ações conflitantes ultrapassam a responsabilidade da escola, envolvendo conflitos mais sérios, com a presença de drogas e armas, por exemplo, a ação da Polícia se faz presente. Citada na pesquisa da autora Abramovay (2009) em que ela relata que:

Outro ator indispensável na questão da violência nas escolas é a polícia, representada pelos seus órgãos responsáveis pela atenção ao público escolar, especialmente o Batalhão Escolar do Distrito Federal e as Delegacias da Criança e do Adolescente (DCA) e de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA). (ABRAMOVAY, 2009, p. 79).

Apesar de todo esse processo burocrático que a escola segue, o diretor diz que: “A suspensão por si só é um prêmio para o aluno indisciplinado, tem que haver um trabalho paralelo”. Segundo ele, as medidas adotadas pela escola são apenas paliativas e que deveria haver um trabalho de orientação educacional, mas que infelizmente a escola está momentaneamente sem orientadora educacional.

Quando perguntados **se a violência escolar interfere no processo de ensino/aprendizagem** ambos concordam que sim e, segundo o coordenador disciplinar, o fracasso escolar está fortemente ligado ao tema em questão, principalmente a violência psicológica que é mais difícil de ser percebida, refletindo claramente na evasão escolar desses alunos vítimas de ameaças e bullying, conforme podemos constatar na fala de Marriel, 2006.

Adolescentes vítimas do bullying geralmente são pessoas com dificuldades para reagir diante das situações agressivas, retraindo-se, o que pode contribuir para a evasão escolar, já que, muitas vezes, não conseguem suportar a pressão a que são submetidos. (MARRIEL, 2006, p.37).

Em conformidade com a fala da autora, a situação psicológica em que se encontram os alunos agredidos é de medo, em que alguns acabam saindo da escola, com receio que a violência se repita.

Para finalizar os questionamentos com a equipe gestora, perguntamos **o que está sendo feito para prevenir a violência e instalar um clima de paz no interior e arredor da escola.** Ambos concordam que a saída é desenvolver mais projetos que envolvam a comunidade, com o tema paz na escola e o combate às drogas e à violência. Concordam também que a escola está carente desses projetos. Segundo eles, a escola tem um projeto chamado bimestre temático, em que são trabalhos temas por bimestre e que o tema escolhido para ser trabalhado no 3º bimestre é exatamente este.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início desta investigação, havia um conjunto de possíveis questões sobre violência escolar que instigaram o interesse por este tema. Percebeu-se a existência de uma preocupação por parte dos professores, em relação ao crescente número de expressões envolvendo os mais variados tipos de violência, as quais nos parecem cada vez mais criativas e ousadas. Os professores, nem sempre seguros sobre o que fazer, buscam lidar com o que é visível, ou seja, o ato em si, o “comportamento incômodo”, deixando em segundo plano as causas que geraram tais expressões ou os sentidos da violência. Tais aspectos foram explorados nesta pesquisa, tendo em vista contribuir para avanços nos estudos sobre o tema, e eventualmente auxiliar os atores do processo de ensino aprendizagem.

O ato violento seria como um “pano de fundo” de diversas situações, as quais podem estar vinculadas a práticas pedagógicas inapropriadas, dificuldades de aprendizagem, falta de limites, falta de diálogo com o aluno ou ocorrência de problemas familiares, por exemplo.

Os eventos de violência poderiam ser o resultado de dificuldades que as crianças experimentam, ao lidar com os processos normativos impostos pela escola. É importante verificar se as regras da escola são adequadas e coerentes no que diz respeito à conduta e a necessidade dos alunos. Essa inadequação poderia conduzir a insatisfação do educando que, ao não ser ouvido, poderia agir com indisciplina e violência, interrompendo o próprio processo de acolhida promovendo um desconforto a todos os sujeitos da instituição escolar. Este pode ser um dos possíveis sentidos da violência.

A violência poderia ser entendida como expressão ou fenômeno que demonstra uma insatisfação do educando. O alunado poderia demonstrar essa insatisfação por meio de processos de indisciplina, rompendo com as regras impostas pela escola, recusando-se a participar de um ambiente inapropriado para ele. Assim, para que ocorra um trabalho efetivo contra esse comportamento, por meio de uma educação voltada ao ato de acolher, “a escola e os educadores precisam aprender a adequar suas exigências às possibilidades e necessidades dos alunos” (REGO, 1996, p. 99).

Tal comportamento poderia ser visto também como a comunicação de uma necessidade afetiva. Esta pode estar relacionada à família, sociedade ou especificamente com a escola. Tanto a família quanto a sociedade, podem influenciar nos processos estabelecidos pela escola, dentre eles, o de ensino aprendizagem.

Portanto, o aluno poderia, dessa forma, sinalizar que necessita de “afetividade”, em um destes ambientes com o qual interage. A instituição escolar pode construir um ambiente de

troca afetiva, onde todos os envolvidos poderiam ter condições de dar e receber afeto, contribuindo assim, para um bom andamento do processo de ensino aprendizagem.

Durante a pesquisa ficou muito claro o distanciamento entre o professor e o aluno e como consequência, a falta de diálogo. Cabe aos gestores da instituição propor discussões na coordenação pedagógica que visem sanar, ou ao menos reduzir esse distanciamento.

Na visão de Kern (2002, p. 44), a afetividade é algo fundamental que propicia ao ser humano estar frente a frente com o outro, proporcionando a construção de relações sociais, pois o homem é um ser afetivo. A ausência dela pode gerar um tipo de necessidade que pode ser comunicada pela indisciplina e/ou violência. Assim, uma leitura sobre a dinâmica de afetividade entre os sujeitos da escola poderia auxiliar na compreensão dos sentidos da violência escolar. E, aqui se percebe também a importância da Educação como ato de acolher, como ponto fundamental para o trabalho efetivo com a violência escolar. Pois o acolher, pode significar usar de afetividade no ouvir, como uma forma de aprofundar a percepção do que o aluno está dizendo e buscar uma compreensão mais ampla do que foi comunicado por ele, no momento da indisciplina. Finalmente, os estudos sobre violência escolar poderiam avançar, estando mais atentos ao olhar de diferentes sujeitos da escola. Pode-se compreender com esta pesquisa, a necessidade de dedicar maior atenção ao aluno, ao que ele solicita e ao que comunica com o seu “pedido de socorro”, através de seus atos.

. A criança pode sinalizar por meio desses mesmos atos a inadequação de relações interpessoais, de algumas práticas pedagógicas ou do próprio currículo, bem como questões familiares insatisfatórias. Ela também pode estar querendo demonstrar a necessidade de ser acolhida, tanto pela escola quanto pela sociedade onde está inserida. Esta comunicação ou "pedido de socorro" pode significar a não aprendizagem ou o querer ir além do que está sendo oferecido pela instituição de ensino.

Um dos grandes desafios da educação escolar é tornar a escola um local atrativo, dinâmico, interativo e atualizado. Esse desafio requer da escola através de seus atores sociais, reflexão-ação-reflexão sobre o sentido da aprendizagem e das relações humanas construídas neste ambiente, quais os tempos e espaços destinados a este fim, quem são os atores no processo ensino aprendizagem, e que ações têm sido desenvolvidas pelos coletivos para melhoria da qualidade da educação, dos processos de ensinar aprender e de se relacionar com o outro.

Por isso, destacamos a visão do gestor como peça fundamental do grande “quebra-cabeça” que compõe a estrutura e funcionamento da escola. Este profissional é capaz de ver

as partes deste quebra-cabeça com suas particularidades, articulando, estruturando e organizando o todo.

Ao compreender esta questão como “pedido de socorro” o gestor proporcionaria também, subsídios para que outros sujeitos da escola ampliem suas visões, o que poderia avançar o trabalho contra a violência escolar.

Compreendemos, finalmente, através dos resultados desta pesquisa, que as expressões de violência podem ser resultado das dificuldades da criança em lidar com os processos normativos da escola, bem como uma elaboração inteligente de uma percepção de não funcionalidade da escola ou a comunicação de uma necessidade afetiva.

Os dados obtidos através dos instrumentos de pesquisa aplicados confirmam a importância dos espaços e tempos destinados à coordenação pedagógica para proposição de mudança de postura, estudo, análise, reflexão, discussão e tomada de decisões no que concerne a mediação de conflitos e qualidade do ensino público no Centro de Ensino pesquisado.

Ao refletirmos sobre a função social da escola, observamos que é necessário:

- 1º - Uma maior integração comunidade e escola;
- 2º - Trabalhar valores culturais, morais e éticos;
- 3º - Compreender o aluno como um cidadão que deve ser agente transformador da sociedade, além de crítico, responsável e participante.

Assim entende-se que são necessárias mudanças urgentes para sanar problemas relacionados à aprendizagem dos alunos, à participação da família, à valorização dos profissionais, à autoestima dos alunos e ao melhoramento do espaço físico.

A violência sutil apresenta-se como um processo crescente e contínuo que encontra no ambiente escolar uma cultura que a mascara, levando muitos a confundirem e denominarem como “brincadeiras comuns na infância”. Entendemos que a equipe diretiva é um dos elementos da comunidade escolar que possibilita a construção de um ambiente sociomoral cooperativo e de acolhimento ao outro, buscando alternativas para reduzir a violência escolar.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miram; RUA, Maria G. V. **Escola e Violência**. Brasília: UNESCO Brasil, 2002.
- ABRAMOVAY, M. et al. **Escolas Inovadoras**: experiências bem-sucedidas em escolas públicas. Brasília: UNESCO Brasil, 2002.
- ABRAMOVAY, M. **Violências no cotidiano das escolas**. In: Escola e Violência. Brasília: Unesco, UCB, 2002.
- ABRAMOVAY, M; RUA, M. G. **Violência nas escolas**. Brasília: UNESCO. Instituto Ayrton Senna, 2002.
- ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria G. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO Brasil, REDE PITÁGORAS, Coordenação DST/AIDS do Ministério da Saúde, a Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.
- ALVES, R. **Só aprende quem tem fome**. Nova Escola, São Paulo, ano 17, n. 152, p. 45.
- ARAÚJO, Carla. **A violência desce para a escola**: suas manifestações no ambiente escolar e a construção da identidade dos jovens. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- ARENDT, H. Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 1990. In MENDES, Fabiane Mathias Delattre. **Indisciplina escolar na visão de Coordenadores Pedagógicos**. Curitiba, 2009. Disponível em < <http://www.tede.utp.br/tde-busca/arquivo.php?codArquivo=306>>. Acessado em 29/04/2013.
- BARRETTO. Elba Siqueira de Sá. **Trabalho docente e modelos de formação**: velhos e novos embates e representações. Cadernos de Pesquisa, v. 40, n. 140, p. 427-443, maio/ago. 2010.
- BARTMAN, 1998 In LIMA, Paulo Gomes; SANTOS, Sandra Mendes dos. **O coordenador Pedagógico na Educação Básica**: Desafios e perspectivas. Revista de Educação. Vol. 2, nº 4 jul./dez. 2007 p. 77-79.
- BRASIL, Constituição da República Federativa do** . Brasília, DF: Senado Federal, 2002.
- BRASIL. Lei 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.
- CARNEIRO, M. A. **LDB fácil**: leitura crítico-compreensiva artigo a artigo. Petrópolis, 2000.
- CHARLOT, B. **A violência na escola**: como os sociólogos franceses abordam essa questão. Sociologias, Porto Alegre, n. 8, p. 432-443, 2002.
- COSTA, Marisa Vorráber. **A pedagogia da cultura e as crianças e jovens das nossas escolas**. A Página da Educação. Disponível em: <http://www.apagina.pt/>. Acessado em 10/07/2005.

DAYRELL, Juarez. **A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil.** Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 – Especial, 2007. Disponível em < <http://cedes.unicamp.br>>

FANTE, C. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz.** 2.ed.Campinas,SP:VerusEditora,2005.

FÁVERO SOBRINHO, Antônio. **O aluno não é mais aquele! E agora, professor? A transfiguração histórica dos sujeitos da educação.** Anais do I Seminário Nacional: Currículo em movimento – Perspectivas atuais, Belo Horizonte, 2010.

FRANCO, Francisco Carlos. **A indisciplina na escola e a coordenação pedagógica.** 2004

GOMES, C. A. **A educação em novas perspectivas sociológicas.** São Paulo: E.P.U, 2005.

GOMES, Candido Alberto. **Abrindo Espaços: múltiplos olhares.** Brasília: UNESCO, Fundação Vale,2008.

GREEN, Bill. BIGUM, Chris. **Alienígenas em sala de aula** (Trad. Tomaz Tadeu da Silva). Tomaz Tadeu da Silva (org.) Petrópolis RJ: Vozes, 1995. Pg. 206-43. In In FÁVERO SOBRINHO, Antônio. **O aluno não é mais aquele! E agora, professor? A transfiguração histórica dos sujeitos da educação.** Anais do I Seminário Nacional: Currículo em movimento – Perspectivas atuais, Belo Horizonte, 2010.

LONGO, Malu. **Violência e medo rondam as escolas.** O Popular, Goiânia, p. 5, 18 nov. 2008.

LOUREIRO, Ana Carla Amorim Moura; QUEIROZ, Sávio Silveira de. **A concepção de violência segundo atores do cotidiano de uma escola particular: uma análise psicológica.** 2005. Disponível em: < <http://pepsic.bvs-psi.org.br>>. Acesso em: 28 dez. 2013.

LUCK, H. et al. **A escola participativa: o trabalho do gestor escolar.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LUNA, S. DAVIS, C. **A Questão da Autoridade na Educação.** Caderno de Pesquisa. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1991.

MACHADO, Camila S. **A inter-relação das drogas com a violência nas escolas.** In: MEDRADO, H. (Org.) Violência nas escolas. Sorocaba: Editora Minelli, 2008.

MANGINI, Rosana C. R. **Privação afetiva e social: implicações nas escolas.** In: MEDRADO, H. (Org.) Violência nas escolas. Sorocaba: Editora Minelli, 2008.

MARRIEL, Lucimar Câmara et al . **Violência escolar e auto-estima de adolescentes.** Cad.Pesqui., São Paulo, v. 36, n. 127, Apr. 2006. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010015742006000100003&lng=en&nr=m=iso>. Acesso em 21 Set. 2009.

MEDEIROS, Regina. **A trajetória da pesquisa: de dentro e fora das escolas.** In: MEDEIROS, R. (Org.). **A escola no singular e no plural: um estudo sobre violência e drogas nas escolas.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MOREIRA, Bernadete S. **A linguagem corporal: formas negociadas contra agressões do meio.** In: MEDRADO, H. (Org.) **Violência nas escolas.** Sorocaba: Editora Minelli, 2008.

MORESI, E. **Metodologia da pesquisa,** Brasília, 2003. Programa de Pós-Graduação Stricto Senso em Gestão do Conhecimento e Tecnologia da Informação. Universidade Católica de Brasília. Disponível em < http://www.inf.ufes.br/~falbo/files/metodologiaPesquisa_Moresi2003.pdf> acessado em janeiro/2013.

NARODOWSKI, Mariano. **Infância e poder. A conformação da pedagogia moderna.** Bragança Paulista, Universidade de São Francisco.2001.

NUNES, Antonio Ozório. **Como restaurar a paz nas escolas: um guia para educadores.** São Paulo: Contexto, 2011

PONTE, João Pedro (2006). **Estudos de caso em educação matemática.** Bolema, 25, 105-132. Este artigo é uma versão revista e atualizada de um artigo anterior: Ponte, J. P. (1994). O estudo de caso na investigação em educação matemática. Quadrante, 3(1), pp3-18. (re-publicado com autorização)

SILVA, Pedro. N. **Ética, indisciplina e violência nas escolas.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

TARDIFF, Maurice. Saberes docentes e prática profissional. Petrópolis, Vozes, 2002 In FÁVERO SOBRINHO, Antônio. **O aluno não é mais aquele! E agora, professor? A transfiguração histórica dos sujeitos da educação.** Anais do I Seminário Nacional: Currículo em movimento – Perspectivas atuais, Belo Horizonte, 2010.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Os desafios da Indisciplina em Sala de Aula e na Escola.** Série Ideia, n.28 São Paulo: FDE, 1997.

VIANA, Nildo. **Escola e violência.** In: VIANA, N.; VIEIRA, R. (Org.). Educação, cultura e sociedade: abordagens críticas da escola. Goiânia: Edições Germinal, 2002.

ZALUAR, A. **Violência e crime.** In: O Que Ler na Ciência Social Brasileira, v.1 – Antropologia. São Paulo: Editora Sumaré/Associação Brasileira de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 1999

APÊNDICES

APÊNDICE 1-Roteiro de Observação

1-Identificação da escola

*Nome

*Endereço/telefone

2-Aspectos físicos

*Nº de salas/dependências (biblioteca/sala de vídeo/outros)

*Nº de professores/alunos por turma/equipe de apoio

*Espaço externo para apoio ao professor (quadra, pátio, área verde)

3-Relação aluno/professor/família/escola

*Qual o tipo de relacionamento entre a família e a escola?

*Em que situações a família é convocada/convidada a comparecer na escola?

*Que tipo de atenção ou atendimento é oferecido à família ou responsável quando procuram a coordenação e/ou direção da escola?

4-Observação comportamental

*Há algum problema de relacionamento entre os alunos durante os intervalos?

*Como é o relacionamento dos alunos com professores em sala de aula.

*Como é o relacionamento entre os alunos em sala.

*Como é o relacionamento entre os alunos no pátio.

*Relacionamento dos alunos com demais funcionários.

*Quando o aluno tem algum problema a quem ele recorre? Por quê?

*Em caso de violência, quais os procedimentos adotados pelos gestores?

Observações finais

*Qual o perfil da clientela da escola

*Existe algum projeto pedagógico que é conhecido por todos?

*Realização de reuniões.

APÊNDICE 2- Questionário ao Gestor

Este questionário é um dos instrumentos de coleta de dados, referente ao Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Gestão Escolar – Escola de Gestores – UnB, o qual será aplicado ao corpo docente do “Centro de Ensino Fundamental Grandes Pensadores”, com objetivo de conhecer e, posteriormente, analisar as informações sobre a violência no contexto escolar.

Para tanto, conto com a sua participação e colaboração em responder as questões que se seguem.

Desde já agradeço!

Atenciosamente,

Ivanice Tavares de Souza

1. Identificação

1.1 Idade

1.2 Tempo de serviço na SEDF

1.3 Formação

2. Percepção do local de trabalho

2.1 O que é violência escolar em sua opinião?

2.2 Você considera essa escola violenta?

2.3 Quais os casos mais comuns de violência que você presencia no dia-a-dia da escola? (agressão física, agressão verbal, violência psicológica, violência contra o patrimônio, etc.)

2.4 Em sua opinião que fatores colaboram para a ocorrência desse comportamento violento entre os alunos?

2.5 Há características comuns entre os alunos que apresentam comportamento violento? Quais?

2.6 Qual sua atitude diante desses casos de violência atendidos na escola?

2.7 A violência escolar interfere no processo de ensino/aprendizagem? De que forma?

2.8 A violência escolar interfere na gestão da escola? De que forma?

2.9 O que está sendo feito para prevenir a violência escolar e instalar um clima de paz no interior e arredores da escola?

APÊNDICE 3- Questionário ao coordenador disciplinar

Este questionário é um dos instrumentos de coleta de dados, referente ao Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Gestão Escolar – Escola de Gestores – UnB, o qual será aplicado ao Coordenador disciplinar do “Centro de Ensino Fundamental Grandes Pensadores”, com objetivo de conhecer e, posteriormente, analisar as informações sobre a violência no contexto escolar.

Para tanto, conto com a sua participação e colaboração em responder as questões que se seguem.

Desde já agradeço!

Atenciosamente,

Ivanice Tavares de Souza

1 Identificação

1.1 Idade

1.2 Tempo de serviço na SEDF

1.3 Formação

2 Percepção do local de trabalho

2.1 O que é violência escolar em sua opinião?

2.2 Você considera essa escola violenta?

2.3 Quais os casos mais comuns de violência que você presencia no dia-a-dia da escola? (agressão física, agressão verbal, violência psicológica, violência contra o patrimônio, etc.)

2.4 Em sua opinião que fatores colaboram para a ocorrência desse comportamento violento entre os alunos?

2.5 Há características comuns entre os alunos que apresentam comportamento violento? Quais?

2.6 Qual sua atitude diante desses casos de violência atendidos na escola?

2.7 A violência escolar interfere no processo de ensino/aprendizagem? De que forma?

2.8 O que está sendo feito para prevenir a violência escolar e instalar um clima de paz no interior e arredores da escola?

APÊNDICE 4- Questionário aos professores

Este questionário é um dos instrumentos de coleta de dados, referente ao Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Gestão Escolar – Escola de Gestores – UnB, o qual será aplicado ao corpo docente do “Centro de Ensino Fundamental Grandes Pensadores”, com objetivo de conhecer e, posteriormente, analisar as informações sobre a violência no contexto escolar.

Para tanto, conto com a sua participação e colaboração em responder as questões que se seguem.

Desde já agradeço!

Atenciosamente,

Ivanice Tavares de Souza

1. Identificação

1.1 Vínculo profissional

() Efetivo

() Temporário

1.2 Anos de docência

() Menos de cinco anos

() De 5 a 10 anos

☐ De 11 a 20 anos

☐ Mais de 20 anos

1.3 Anos de serviço na escola

☐ Menos de cinco anos

☐ De 5 a 10 anos

☐ De 11 a 20 anos

☐ Mais de 20 anos

2. Violência na escola

2.1 Acontecem casos de violência na sua escola?

☐ Muitos

☐ Não muitos

☐ Poucos

2.2. Quais os tipos de violência que mais ocorrem na escola?

☐ Ameaças

☐ Agressões verbais

☐ Brigas

☐ Depredações

☐ Uso de armas

☐ Roubos e furtos

☐ Bullying

☐ Não há

2.3 Qual a medida mais adotada pela sua escola nos processos disciplinares dos alunos?

- ☐ Advertência oral
- ☐ Advertência escrita
- ☐ Suspensão
- ☐ Negociação entre direção e alunos
- ☐ Acompanhamento dos alunos por um professor conselheiro
- ☐ Encaminhamento dos alunos para o serviço de orientação educacional

2.4- Que ações da gestão, em sua opinião, são mais eficazes no tratamento da violência escolar?

- ☐ Dialogar, conversar, ouvir mais os alunos
- ☐ Punir de forma mais severa e redobrar a vigilância
- ☐ Recorrer à polícia em casos mais graves de violências
- ☐ Promover palestras, debates e seminários sobre o tema “violências
- ☐ Estabelecer parcerias com a família
- ☐ Incentivar e propiciar a interdisciplinaridade, enfocando temas como violência, sexo, drogas, desemprego e outros.

2.5 Você considera as medidas adotadas pela sua escola as mais adequadas?

- ☐ sim
- ☐ não

2.6 Se respondeu NÃO, justifique.

2.7 Você entende que a suspensão é a melhor maneira de combater a violência na escola?

☐ sim

☐ não

2.8 Se respondeu NÃO, justifique.

2.9

Como professor, que estratégias sugeriria à direção da escola para reduzir o número de casos de violência e instalar um clima de paz no contexto escolar?

APÊNDICE 5- Questionário aos alunos

Este questionário é um dos instrumentos de coleta de dados, referente ao Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Gestão Escolar – Escola de Gestores – UnB, o qual será aplicado aos alunos do “Centro de Ensino Fundamental Grandes Pensadores”, com objetivo de conhecer e, posteriormente, analisar as informações sobre a indisciplina no contexto escolar.

Para tanto, conto com a sua participação e colaboração em responder as questões que se seguem.

Desde já agradeço!

Atenciosamente,

Ivanice Tavares de Souza

1. Identificação:

1.1 Gênero

☐ Feminino

☐ Masculino

1.2 Idade

☐ 10 a 12 anos

☐ 13 a 15 anos

☐ Mais de 15 anos

2. Atitudes relacionadas à escola

2.1 Importância da escola em sua vida:

- ☐ Muito importante
- ☐ Importante
- ☐ Pouco importante
- ☐ Não é importante

3. Violência na escola

3.1 Acontecem casos de violência na sua escola?

- ☐ Muitos
- ☐ Não muitos
- ☐ Poucos

3.2 Quais os tipos de violência que mais ocorrem na escola?

- ☐ Ameaças
- ☐ Agressões verbais
- ☐ Brigas
- ☐ Depredações
- ☐ Uso de armas
- ☐ Roubos e furtos
- ☐ Bullying
- ☐ Não há

3.3 Que ações da gestão, em sua opinião, são mais eficazes no tratamento da violência escolar?

- ☐ Dialogar, conversar, ouvir mais os alunos
- ☐ Punir de forma mais severa e redobrar a vigilância
- ☐ Recorrer à polícia em casos mais graves de violências
- ☐ Promover palestras, debates e seminários sobre o tema “violências

3.4 Você considera as medidas disciplinares contra a violência adotadas pela escola as mais adequadas?

() Sim

() Não

Por que?

3.5 Em sua opinião, o que a direção da escola pode fazer para diminuir a violência dentro da escola e em seus arredores?

3.6

Em sua opinião, o que os alunos podem fazer para contribuir com a paz na escola?
